

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

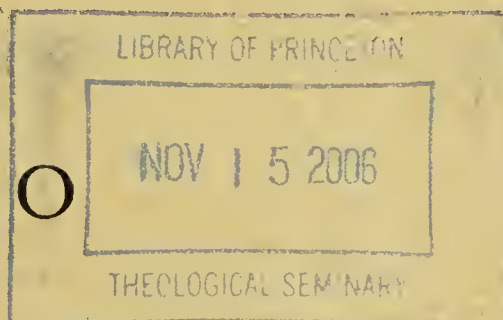
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO



O Mundo Espiritual	
Ignorância	
Criação da Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil	
A Conquista da Lua	
Fatores Hereditários Orgânicos e Psí- quicos da Genética	
A Descoberta do Espírito	
Desencarne do Presidente da I. S. F.	
Importância da Obra de Kardec e sua significação no momento	
A propósito de um Livro	
Fazendeira Desumana	
As Vantagens do Hipnotismo	
Memórias de um Espírita Baiano	
Crônica Estrangeira	
Espiritismo no Brasil	

Redação

Ismael Gomes Braga

Milton de Andrade

V. O. Casella

Dr. G. M. Minardi

Hernani Guimarães Andrade

Eddie Augusto da Silva

Irmão Saulo

Fernando Toledo

Gen. Levino C. Wischral

Luiz Caramaschi

Leopoldo Machado

Redação

Redação

Natal dos Pobres

Prezado Confrade

Paz em Jesus

Estamos nos aproximando da maior festa da cristandade - o Natal, pois nêsse dia, 25 de Dezembro, todos comemoram o natalício de Jesus com tôdas as fôrças de sua alma e dos mais variados modos. Assim como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», com a colaboração da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», sob o patrocínio da União Municipal Espírita de Matão, em comemoração ao natalício do Mestre, realizará o NATAL DOS POBRES, distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

Nêsse sentido a Comissão Organizadora do NATAL DOS POBRES solicita de V. S. um donativo, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, tecidos, agradecendo-lhe desde já a atenção que nos for dispensada.

Com votos de um Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscrevemo-nos

Atenciosamente,

A COMISSÃO :

<i>Chiquita Fonseca</i>	<i>Zelia Silveira Perche</i>
<i>Antoninha Perche Campêlo</i>	<i>Leonor da Cruz Jorge</i>
<i>Rosa Fonseca Fratini</i>	<i>Clotilde Cunha</i>
<i>Anita Sampaio Miniucci</i>	<i>Edni Pedro Gonçalves</i>
<i>Isabel Perche Camargo</i>	<i>Donata Casadei Oliveira</i>
<i>Leticia M. Olson</i>	<i>Claudeni Gonçalves</i>
<i>Dirce Barbosa Mariani</i>	<i>Fanny Trolezi</i>

Matão, Novembro de 1958.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades



Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr\$.25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*



REDATOR : *Italo Ferreira*


GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Mundo Espiritual

Há muitas moradas na Casa de meu Pai...

S. João, Cap. XIV.

 ESUS não explicou o gênero de vida na Casa do Pai, provavelmente porque seus discípulos não o poderiam compreender naquele tempo, mas viria o Paraclito, a Terceira Revelação, o Espiritismo que nos instruiria sobre o gênero de vida no Mundo dos Espíritos e estes eram os únicos competentes a fazê-lo, apoiados em suas experiências próprias.

Se as religiões fizessem uma revisão de suas atitudes contra o Espiritismo, aproveitando os ensinamentos da Terceira Revelação, em lugar de fazerem oposição, o Cristianismo de novo assistiria ao renascimento religioso.

Quando virá o tempo do despertar das igrejas ao poder vivo do moderno Espiritismo?

Se existe uma vida após a morte, a que será semelhante aquela vida?

Não obstante todas as afirmativas de certa imortalidade, persiste o fato de nada o homem tanto temer como a morte, ainda em nossos dias. Todos lutam desesperadamente para afastar a morte, todos têm horror ao grande desconhecido.

As crianças podem sentir-se fascinadas com as ruas de ouro, portas de peróla, anjos alados e tantos outros ab-

surdos sentimentais, como fazendo parte da vida espiritual, mas a grande maioria dos seres pensantes ainda permanece terrificada em face da morte. O que veremos, o que experimentaremos após o trespasse?

O Espiritismo nos revela que após a passagem, continuaremos vivos e conscientes. Não existe o interminável sono no túmulo gelado e cheio de vermes, que tanto nos terroriza aqui. O que realmente há é o cerrar dos olhos no sono e um despertar no mundo espiritual, cheio de vida maravilhosa, mundo povoado de amigos e seres que amávamos e nos precederam.

Pouco depois da morte seremos os mesmos indivíduos que fomos pouco antes da passagem, exceto o termo abandonado o nosso corpo físico, veste temporária. Nós nos manifestaremos através do nosso corpo espiritual, ou duplo etéreo que sempre possuímos mesmo durante a vida terrestre.

Podemos ficar certos de que a vida no mundo espiritual é cheia de ocupações e múltiplas atividades. O que muitas vezes choca o homem que raciocina, relativamente ao outro mundo, é a monotonia indolente, o tanger de harpas por anjos alados, o entoar de hinos a uma deidade sentada num trono branco, isto durante toda eternidade, e tantos outros absurdos sentimentais, como parte integrante da vida espiritual, mas a vas-

ta maioria dos sêres pensantes ainda permanece incrédula.

Nós sabemos que nossos entes amados que nos precederam, ainda vivem e se interessam pelo nosso bem-estar, procurando encorajar-nos na nossa jornada terrestre.

Os grandes problemas, que nos embaraçavam antes de conhecermos o Espiritismo, estão resolvidos. Nós hoje sabemos que a morte não mais é aquela coisa temerosa que transforma homens em anjos ou demônios. Ao contrário, somente é um processo natural da nossa evolução. É como se fossemos de uma sala para outra. É o abandono de uma veste gasta, imprestável, substituída por uma nova e mais brilhante.

Durante milhares de anos, o homem teve medo da morte. Em volta dela teceram um manto de superstições. As igrejas, em lugar de lançar alguma luz sobre a questão, exploraram o temor dos crentes.

O Espiritismo não é uma adoração mórbida de sepulturas. É a filosofia da vida. Ele procura desfazer tôda superstição relativa à sepultura e em seu lugar implantar um conhecimento que pode ser provado à luz da razão e da experiência. Ele procura ampliar a visão do homem e dar-lhe uma concepção de acôrdo com os fatos conhecidos. O homem veio ao mundo com o propósito de evo-

luir. Esta terra é a classe preparatória, o período de provas para ajustá-lo a uma vida maior, mais ampla.

Si Deus aquí nos concede a faculdade de apreciar as belezas naturais, podemos esperar que Ele nos dará uma vida condigna após a morte.

O outro mundo é muito semelhante ao nosso aquí. O caráter do homem e seus pendores serão os mesmos após o trespasse.

Depois da morte o justo e o delinquente não ficam no mesmo plano. Não pode qualquer indivíduo em seu leito de morte exprimir qualquer doutrina teológica e esperar, pela magia, que isso o absolva das consequência dos êrros cometidos.

«Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás de prisão enquanto não pagares o último ceutil». (Mat. 5,26).

Espiritualmente, êle é o resultado dos atos praticados pelas suas ações, palavras e pensamentos. Haverá compensações e retribuições, as leis naturais são perfeitas em sua operação. Não há o Grande Juiz, pois já nos havíamos julgado na natureza espiritual que levamos conosco.

É êste o nosso passaporte eterno.

Pessoas que viveram normalmente não ficarão desapontadas no Além-Túmulo.

Ignorância...

Lendo os livros, artigos, entrevistas dos adversários do Espiritismo, pode-se supor que êles sejam homens de má fé; mas é injusto êste julgamento; não há tanta má fé, há é desconhecimento real e completo do Espiritismo.

As tentativas que êles fazem de tudo explicar por meios tão simplórios, demonstram essa profunda ignorância.

Alguns estudaram um pouco, mas, obcecados pelos preconceitos materialistas, nada puderam aprender, e recorrem a hipóteses inteiramente absurdas para explicar insuladamente alguns fenômenos à parte, sem enfrentarem nunca o conjunto e muito menos a filosofia espírita decorrente dos fenômenos. Surgem as

hipóteses de fraude universal, de dissociação da personalidade, de criptestesia, de sonambulismo, de pastiche, de subconsciente etc. etc.

Reconheçamos que o estudo do Espiritismo realmente não é fácil; que são raros os grandes médiuns; que poucas pessoas, por mais estudiosas que sejam, têm ensejo de fazer um estudo sério com grandes médiuns de diversas faculdades; que os preconceitos de escola criam obstáculos intransponíveis ao estudo, para quem tenha o raciocínio enquadrado em convicções contrárias ao objeto do estudo, e assim chegaremos a compreender a ignorância de nossos opositores e a sentir piedade por êles.

Quem estuda com a necessária humildade científica, com desejo de aprender e não apenas de criticar, consegue aprender o suficiente para chegar a convicções inabaláveis. Para esse estudo, o ignorante humilde se acha em melhor situação do que o sábio orgulhoso e cheio de preconceitos. Para aquêles tôdas as portas estão abertas, para este último tôdas estão fechadas, porque ele mesmo as fechou.

O ignorante lê para aprender e recolhe uma multidão de fatos que convergem para a mesma finalidade, fatos observados e registados por outros estudiosos em diversos tempos e lugares. Incorpora esses fatos aos de sua própria observação e forma sua convicção sobre bases muito sólidas.

O «sábio» lê para criticar: elimina como impossível tudo quanto não se enquadre em suas convicções negativas e só aceita como verdade o que ele possa explicar com suas hipóteses negativas pre-estabelecidas.

Nesse sentido, rendemos graças a Deus por sermos ignorante. A humildade natural do ignorante nos abriu a alma para o mais precioso dos conhecimentos, para o conhecimento da vida mesma, sem as limitações da biologia materialista que realmente não podemos compreender.

Graças à nossa ignorância, temos recebido numerosas mensagens de amigas e amigos mortos, inteiramente desconhecidos do médium, muitos que não deixaram obra alguma publicada, nem tiveram seus nomes impressos, e que pelo estilo, pelos assuntos íntimos das mensagens, provaram cabalmente sua identidade pessoal. O grau de cultura ou de incultura desses amigos e amigas, alguns e algumas já mortos há muitos anos e dos quais já não nos lembrávamos, variam ao infinito; uns poucos foram cultos, escritores e poetas, outros mal sabiam escrever uma carta. Uma parenta era quase analfabeta e nos escreveu com todos os erros de ortografia e gramática que lhe eram habituais, e tratou de assunto tão íntimo da família, que nenhuma dúvida seria possível levantar-se.

Tôdas essas mensagens escritas e muitas outras orais, foram recebidas espontaneamente, sem evocação nem pedido, e em momento inteiramente inesperado; por exemplo: certa feita estávamos

passando a pé e palestrando com um conhecido médium, quando este, interrompendo a palestra, nos disse: «Está com você uma senhora, sua amiga, desencarnada, que dá o nome de Quininha, e na sessão de hoje vai dar-lhe uma mensagem».

— A única pessoa que conhecemos com esse apelido é uma parenta, muito amiga, mas ainda viva, — respondemos.

— Ela está rindo de seu esquecimento e dizendo que pela mensagem ela se fará lembrada, — redarguiu o médium amigo.

Realmente assim foi. Veio a mensagem, muito pessoal, tratando de muitas conversações antigas e então nos recordamos perfeitamente da pessoa, desencarnada dezoito anos antes e já completamente esquecida.

De outra vez o nome dado, igualmente na rua, estava em parte errado e não pudemos lembrar do amigo morto muitos anos antes; porém, quando veio a mensagem escrita, assinou o nome certo e pelo estilo, pelo assunto, pelas confidências nos provou perfeitamente sua identidade pessoal.

Certa noite estávamos em visita a uma médium, nós e mais dois amigos, palestrando animadamente, quando a médium interrompeu a conversação e nos disse: «Ao lado do Dr. Arrouca se acha uma pretinha; quem será?»

Pela descrição da médium vidente, nenhum de nós pôde reconhecer essa inesperada visitante de côr, porém, ela mesma disse seu nome — inteiramente desconhecido da médium e de todos os outros assistentes. Lembrei-me de minha saudosa amiga Benedita Fernandes. Por intermédio da médium travamos palestra. Tôdas as nossas perguntas foram prontamente respondidas com todo acerto e eram de assunto inteiramente desconhecido da médium.

Muitos outros casos semelhantes tivemos a fortuna de estudar, graças à nossa ignorância, e de modo muito inesperado; mas para os «sábios» tais casos são «impossíveis» e não se deram; estamos mentindo ou fomos mistificado pelos médiuns, pessoas honestíssimas e amigas sinceras.

No entanto, os fatos são verdadeiros e por esses mesmos médiuns já se

receberam numerosos volumes da mais bela e instrutiva literatura, formando um corpo de filosofia espiritualista como jamais existiu no mundo; mas os «sábios» não podem ler nem compreender êsse tesouro; para êles nada disso existe.

Graças a Deus, os «ignorantes» são mais numerosos do que os «sábios» e cresce dia a dia o interêsse público por essa literatura que nos esclarece e nos orienta a conduta para sublimizar a realidade da vida, que nos leva à felicidade, à segurança, à paz.

Lembremo-nos da palavra do Divino Mestre: «Glorifico-te, Pai, Senhor do

céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.» (Mat., 11:25. Lucas, 10:21). Sejamos sempre êsses pequeninos que, por serem ignorantes e saber que o são, não se opõem à Revelação Divina.

Virá o dia em que os «sábios» e «entendidos» serão os pequeninos e humildes, em condições de receber e assimilar a Verdade espiritual. Êles terão que renascer, como todos nós, pequenos e analfabetos...

Ismael Gomes Braga

CRIAÇÃO DA CADEIRA DE PARAPSIKOLOGIA NAS FACULDADES DE MEDICINA DO BRASIL

Com as duas cartas, a seguir transcritas, iniciamos, neste número da «Revista», a publicação do longo Projeto de Lei, de autoria de Milton de Andrade, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, e apresentado à Câmara de Deputados, pelo ilustre Prof. Romeu de Campos Vergal, digno representante de São Paulo, como deputado federal, e nosso denodado companheiro de ideais espiritas.

Trata-se, como dissemos, de um extenso trabalho, aliás importante estudo científico, que demanda muito espaço em nossas colunas, razão porque o publicaremos em partes, dando-lhe como preambulo esclarecedor as duas cartas seguintes:

«Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1958.

Prezado Senhor A. WATSON CAMPÊLO,

Ilustre Diretor da REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

Saudações fraternais

Tendo lido na REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO uma notícia sobre o anteprojeto de lei que redigi e enviei ao Deputado Campos Vergal, criando a Cadeira de Parapsicologia, nos cursos das Faculdades de Medicina do país,

é-me grato oferecer-lhe um exemplar do referido trabalho, anexo a esta, pedindo a fineza de que, se possível, o publique na íntegra em sua prestigiosa Revista, acompanhado da carta que dirigí àquele parlamentar, e dos esclarecimentos complementares desta, ainda que, por exigência de espaço, se veja na contingência de fazê-lo fracionadamente

Não haveria investigação psíquica, caso não houvesse fenomenologia espírita; conseqüentemente, não existiria a Ciência Psíquica, nem a Metapsíquica, nem a Parapsicologia — essa, hoje, admitida no mundo psicológico-científico, e lecionada como matéria de curso regular, no ensino superior de grande número de universidades do globo. Parece-me que os espíritas em geral devam, pois, tomar conhecimento de quanto é a fenomenologia objeto de investigação, na maioria dos países do planeta, por parte de cientistas, médicos, psicólogos e psicanalistas, muitas vezes altamente credenciados em seu gênero de atividade, no consenso dos povos. E' por êsse motivo que resolvi escrever-lhe esta carta.

O anteprojeto justifica a criação da Cadeira de Parapsicologia, em curso médico, fazendo ver que é matéria que tem conexões com a Psiquiatria — mormente no que concerne à possessão, bem como à dupla e múltipla personalidade; mostrando que são principalmente médicos, muitas vezes eminentes, os que se têm dedicado à investigação psíquica, em quase tôdas as partes do mundo, através

dos tempos, antes de tudo pelo atrativo da influência que a mente pode exercer sobre o organismo, sobre o comportamento e sobre o próprio destino do indivíduo, como revelam a Psicossomática, a Psicanálise e a Psicotécnica; e menciona em seu texto as obras que deverão constituir a base do ensino, por imperativo da inovação de fundir sob a denominação de *Parapsicologia* as três escolas que investigam a fenomenologia paranormal, *sob os mesmos cânones materialistas*, com o mesmo rigorismo, e dentro dos mesmos limites, traçados pelo preconceito contra a origem espiritualística da fenomenologia, que é o que veio restringindo cada vez mais o campo da pesquisa (Preconceito é o característico comum às três escolas, mas distingue-as, por sua gradação ascendente) — a inglesa (Ciência Psíquica), a franco-italiana (Metapsíquica) e a germano-americana (Parapsicologia). Há dezessete anos venho coletando dados para elaborar um «Tratado de Ciência Espiritualista», a ser publicado sob a égide da SOCIEDADE DE MEDICINA E ESPIRITISMO DO RIO DE JANEIRO, em que procuro reunir o máximo possível de fenômenos espíritas, investigados por médicos em geral; neuropsiquiatras, psiquiatras e neurologistas em particular; psicomatistas, psicanalistas, psicólogos, metapsiquistas, parapsicólogos, pesquisadores psíquicos, neurofisiologistas, fisiologistas, físicos, químicos, bioquímicos e engenheiros; escritores, jornalistas e personalidades de grande projeção, na administração pública e na sociedade. Foi isso que me possibilitou indicar, nos considerandos do anteprojeto, as credenciais que melhor recomendam as personalidades mencionadas, bem como sua nacionalidade e sua profissão de médico. Apesar do preconceito, os fatos levaram êsses investigadores às seguintes conclusões, o que é altiloquente, provindo de materialistas, alguns dos quais se tornaram espiritualistas, em face da verificação procedida, embora outros continuassem materialistas: 1.^a) os fenômenos são reais; 2.^a) trata-se de fenômenos naturais, provocados pelos espíritos dos mortos, através dum médium — para a minoria; 3.^a) trata-se de fenômenos paranormais, provocados pelo inconsciente do próprio médium — para a maioria.

Foi o sr. Antenor Ramos, Presidente da Liga Espírita do Estado de São Paulo, quem teve a iniciativa de se dirigir aos confrades Carlos Imbassahy e Deolin-

do Amorim, e a mim, pedindo que cada um de nós elaborasse o programa duma Cadeira de Metapsíquica, a ser criada, enviando-o diretamente ao referido parlamentar, que representa aquela importante unidade federativa no Congresso Nacional, para que o considerasse, conforme entendimento previamente havido.

Nesta oportunidade, quero dizer-lhe que tenho acompanhado carinhosamente, e apreciado muito, a atividade da REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO em prol da causa comum, através dos tempos, vulgarizando a fenomenologia, como fator de convicção, e pregando o Evangelho, com o objetivo de aprimoramento moral.

Antecipo agradecimentos pela simpatia com que acolha meu pedido de publicação.

Atenciosamente,

Milton de Andrade,

Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.»

«Em 24 de fevereiro de 1958.

Excelentíssimo Senhor

Deputado CAMPOS VERGAL

Tenho a honra de me dirigir a Vossa Excelência, para lhe enviar, anexo, redigido sob a forma de projeto de lei, trabalho que considero anteprojeto, criando a Cadeira de Parapsicologia no 4.^o e no 5.^o anos das Faculdades de Medicina do país, como matéria que tem conexões com a Psiquiatria, elaborado pela Presidência da SOCIEDADE DE MEDICINA E ESPIRITISMO DO RIO DE JANEIRO, em atenção ao pedido do Sr. Antenor Ramos, Presidente da Liga Espírita do Estado de São Paulo, como contribuição ao projeto que deverá ser apresentado por Vossa Excelência à Câmara Federal, em março próximo «com o propósito de criar a Cadeira de Metapsíquica, em curso de 3 anos, nas Faculdades de Medicina do país.»

Solicitou o Sr. Antenor Ramos que encaminhasse o trabalho diretamente a Vossa Excelência, razão pela qual o estou fazendo.

Devo esclarecer que adotei a denominação *Parapsicologia*, porque é a mais aceita e hoje a mais vulgarizada nos meios científicos; que na própria França, berço da Metapsíquica, reúne maiores preferên-

cias da Sorbona a denominação «Parapsicologia», segundo declarou à imprensa brasileira o urologista francês Henri Darget, que esteve no Brasil não há muito tempo, fazendo conferências; que, em vez do curso de 3 anos, como fôra solicitado, o anteprojeto cria a Cadeira de Parapsicologia como matéria a ser lecionada no mesmo período de 2 anos que a Psiquiatria (Não seria razoável superioridade daquela sôbre essa); e que não me restringi à Parapsicologia pròpriamente dita — fundi a Ciência Psíquica (inglês), a Metapsíquica (franco-italiana) e a Parapsicologia (germano-americana) numa só matéria, com a denominação única de Parapsicologia, por ser mais racional, e por

estar o líder e vulgarizador máximo da Parapsicologia, Professor Joseph Banks RHINE, da «Duke University», dos Estados Unidos, invadindo todos os domínios da fenomenologia paranormal, com as suas investigações e seus estudos, conforme elucidam os considerandos do anteprojeto.

Submeto o trabalho, assim, ao alto critério de Vossa Excelência.

Queira Vossa Excelência, Senhor Deputado, receber a expressão de meu mais elevado aprêço.

Milton de Andrade,

Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.»

A CONQUISTA DA LUA



OM o sucesso dos lançamentos de satélites artificiais na órbita terrestre, o homem marcou uma nova era na história da ciência, vencendo a primeira fase inicial, na conquista dos espaços interplanetários.

Prosseguindo, procura-se avanços mais profundos em direção a Lua, situada cêrca de 384.000 quilômetros de distância. A humanidade aguarda com desusado interêsse que um dia tomemos o nosso satélite, e não faltam os que esperam ingenuamente acharmos ali uma nova *canã*, para o bem estar do Homem terreno, esquecendo-se que é dentro de nós, e não fora, que deveremos procurar a verdadeira felicidade.

Mas vejamos o que poderemos encontrar na Lua, pois ela não é estranha aos nossos observadores, e até mapas do seu solo já se acham à venda nas nossas livrarias. Uma das características de sua superfície são as inúmeras crateras que marcam a sua face, parecendo cicatrizes, acusando ali um passado de rudes acontecimentos, agitado pela natureza do astro.

Cordilheiras de elevados picos agulheantes, contrastando com profundos vales, margeiam extensas planícies, outrora julgadas como se fôssem mares. Não acusa vegetações, sendo completa a au-

sência de água e ventos. O silêncio pela falta de ar é absoluto, dando-lhe aspecto desolador. Os nossos cemitérios são verdadeiros jardins de encanto e beleza, diante das paisagens mortas da Lua.

O viajor terrestre que um dia ali conseguir aportar terá que levar provisão de tôda espécie (ar, água...), inclusive câmaras térmicas especiais de proteção contra altas e baixas temperaturas, caso contrário perecerá de calor se ali chegar de dia, ou de frio se for à noite. Tratando-se de um astro de volume 49 vezes menor que o da Terra, com menor atração, o organismo humano também estará sugeito a perturbações. Aquí, um homem de 60 quilos, lá pesará 10.

Mas, vulgarmente, ainda se pergunta: — Que existirá no outro lado lunar, sempre oculto para o nosso planêta?

Ora, o cientista não nutre esperanças de encontrar condições mais alentadoras na outra face. Uma vez que ambos os lados recebem luz e sombra nas mesmas proporções, tudo indica pela semelhança de natureza. Essa igualdade entre um e outro lado justifica-se no seguinte: A Lua de cada 28 dias dos nossos completa uma volta ao redor da Terra, tempo êste em que também dura uma de suas rotações, mostrando assim sempre a mesma face para o nosso planêta, enquanto a outra permanece oculta. Nesses movimentos, quando ela se coloca

entre o Sol e a Terra a sua parte visível para nós fica na sombra, enquanto a outra recebe a luz solar. E nas ocasiões em que é a Terra que se interpõe entre ela e o Sol, a sua parte visível torna-se dia, e a outra nunca vista mergulha-se na noite. Nestas condições as duas faces alternam-se entre luz e sombra, de cada 14 dias terrestres.

Como se vê, não pode haver diferença de natureza em toda superfície do astro, o que também nos torna imaginária qualquer idéia sobre a existência dos selenitas, os homens da Lua, assunto este que ficou para os romancistas.

Contudo, apesar dêsse desalento das condições estereis do nosso satélite, não se deve pensar que a sua conquista seja de efeito simbólico. Cientificamente, o feito será maravilhoso, e além de termos ali um trampolim celeste para ou-

tros futuros saltos mais arrojados em direção de outros mundos, a partir de Vênus e Marte, também será uma janela aberta para as nossas futuras observações, através do infinito sideral. Na Lua, ausente de camadas atmosféricas, o observador terá uma visão mais limpa e ampla do Universo, enriquecendo mais ainda o cabedal de sabedoria do gênio humano da nossa ciência.

Talvez não tarde muito essa deslumbrante realização, cuja vitória científica jamais se apagará da história da evolução da nossa existência, neste departamento planetário, do sistema solar, que para nós se chama Terra.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de São Paulo

Fatores Hereditários Orgânicos e Psíquicos da Genética

Dr. G. M. Minardi (API)

Cada espécie vivente tem predominantemente a tendência para multiplicar-se. Assim sendo nascem mais indivíduos do que podem morrer, daí a concorrência entre os elementos que sobrevivem e deixam uma descendência ao contrário da que desaparece sem êstes.

Condições mínimas de formação, de funcionamento etc. conferem vantagens decisivas na luta para a vida a determinados indivíduos, e por isso sobrevivem. Segundo Darwin, a competição determina entre os indivíduos uma espécie de escolha onde a «seleção» em virtude da qual os caracteres aproveitáveis, úteis, favoráveis se transmitem com mais ou menos fidelidade aos descendentes. Enfim, segundo Darwin, pode-se transmitir somente os caracteres proeminentes mas não os adquiridos. Nesta forma o extraordinário desenvolvimento dos músculos de uma parte do organismo provocado por um determinado exercício e, repetido por várias gerações, não se transmite aos descendentes. Assim sendo não se transmite a amputação de um certo órgão.

Ao tempo de Darwin nada se sabia ou vagamente sobre o processo da hereditariedade e, em 1900 foi o ano da verdadeira surpresa neste setor, quando o holandês Hugo Tries fez pela primeira

vez conhecer as leis do monge Gregório Mendel. Êste monge depois de ter cultivado e polinizado mais de dez mil plantas, examinando-as atentamente, estabeleceu que as características dos pais se transmitem em forma regular e previsível nos descendentes. Nos resultados obtidos por Mendel eram já contidos conceitos da genética moderna: as leis do hibridismo, que permitem prever com precisão os resultados de um casamento de raças ou de variedades, conseguindo criar à vontade novas combinações de caracteres; as aplicações das leis do caso à análise dos fenômenos da hereditariedade. Nos anos sucessivos, os biólogos concordaram com que os caracteres de homem, animais e plantas dependem dos assim chamados «genes» que são contidos nos cromossomos. Os genes determinam somente as possibilidades de um desenvolvimento sobre o qual pode influir também as circunstâncias externas: por exemplo uma planta de grande porte plantada em terreno desfavorável não poderá alcançar a altura prevista pelos fatores hereditários. Mas por outro lado, a sua descendência, se alcançarem uma terra favorável terá a altura conforme a sua origem.

Então: os fatores hereditários são

estáveis e não influenciados por fatores externos. Todavia mutações podem acontecer golpeando os genes, por exemplo: os raios X, os ultra violetas, as radiações atômicas. Também na natureza registram-se as chamadas «mutações espontâneas», as quais são determinadas por fatores ainda desconhecidos. Mas em todos os casos a hereditariedade é uma lei que a mãe Natureza usa neste planeta para tôdas as formas da vida. A Natureza não é caprichosa como alguém ainda acredita e também não se apresenta a metade; ela é harmoniosamente ordenada seguindo um ritmo regular. Lembremo-nos que qualquer animal, racional, ou irracional nascerá da união de duas células diminutas: uma o óvulo feminino e outra o nemasperma masculino (a não ser casos raríssimos de partenogênese).

É verdade que o óvulo se alimentou durante varios meses no seio materno; mas se dito óvulo, fecundado, tivesse sido colocado em uma adequada incubadora, alimentando-o e separando o desperdício que produzisse, teria igualmente nascido, com as mesmas qualidades e virilidades. Podemos então dizer que as capacidades dependem, «in totum» das características hereditárias que estavam presentes nos óvulos e no espermatozoides que se uniram para produzir um novo organismo.

Será que com isto nos teremos desvelado todos os fatores hereditários da genética? Não! Em absoluto. Em quanto observando-os sob os seus aspectos orgânicos muitos fenômenos ainda ficariam inexplicáveis. Outro conceito tem que ser compreendido: o da «HEREDITARIEDADE PSÍQUICA». Como podem órgãos sujeitos a uma contínua renovação até o final e definitivo desfazimento conservar indefinidamente ca-

racterísticas estruturais, e transmitir atitudes pre-natais a outros organismos? E as registrações no instinto, frequentemente as mais importantes, se dão depois do período juvenil da reprodução, no indivíduo adulto, por vêzes mesmo na velhice? (máxima madureza psíquica). Como poderiam, numa natureza tão previdente e econômica, ser perdidas precisamente as melhores ocasiões? Não se está vendo que a hereditariedade segue outras vias principais, pelas quais o material recolhido é confiado, para sobrevivência, ao princípio espiritual, com preferência sôbre as vias orgânicas da reprodução? E já não vimos que é aquêlle o nó que ajusta numa explicação única todos fenômenos do instinto, da consciência, da evolução psíquica? Quem, a não ser o espírito imortal, pode constituir o fio condutor que, através de um contínuo nascer e morrer de formas, rege o desenvolvimento da evolução? E que fio, a não ser êsse, saberá fazê-la chegar às superiores construções da ética?

Êste conceito da hereditariedade psíquica conduz logicamente a inevitável conclusão — extraída de fatos já em quantidade demasiada para que possa ser negada — da sobrevivência de um princípio psíquico depois da morte tanto do homem como dos seres inferiores, não deserdados pela Divina justiça, se bem que irmãos menores e de forma diversa, do direito de sobreviver.

Se o psiquismo já está demonstrado como fazendo parte integrante dos fenômenos biológicos, como princípio a que são confiados os últimos produtos da vida e a continuidade do transformismo evolutivo, como unidade diretora que é de tôdas as suas formas sucessivas, forçoso é admitir que êle, assim como sobrevive à morte orgânica, deva preexistir ao nascimento.

Não alcancei esta crença por nenhuma via religiosa. Ela se baseia nos fatos e na experiência, estudados aquêles por uma ampla e criteriosa ciência. A minha conclusão é que a sobrevivência da alma esta suficientemente demonstrada por meio da investigação científica. No meu livro «Raymund ou a Vida e a Morte», eu tive a perspectiva de prestar um serviço à humanidade e consolar os aflitos, dando-lhes a certeza de que é possível se comunicarem com aquêles que se passaram para a outra vida». — SIR OLIVER LODGE.

A Descoberta do Espírito

Por HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

I - A origem da crença na existência do espírito

Talvez não exista, pensamos nós, uma idéia mais generalizada do que a da existência do espírito. Essa crença não só é geral no espaço, mas também se estende pelo tempo, atingindo as mais remotas épocas da história da humanidade.

Todos os povos e raças humanas, desde os primitivos trogloditas até os mais modernos homens de ciência, manifestaram e manifestam, ainda, os inequívocos sinais de uma certa crença na existência do espírito. Cada um a seu modo, alguns negando ostensivamente, outros proclamando abertamente, os homens não deixam de cogitar sobre tão magno assunto, trazendo, a quase totalidade, uma convicção íntima na sobrevivência da alma e, por conseguinte, na realidade do espírito.

Tal crença parece ser uma idéia inata, um sentimento atávico, uma característica tipicamente humana. E o homem só consegue desfazer-se dela à custa de esforço intelectual, após madura reflexão, ou então em consequência de umas tantas desilusões sofridas na busca de provas concretas capazes de corroborar a sua fé natural.

Todavia, êsse sentimento, tão generalizado quão antigo, não deve ser totalmente inato na criatura humana. O homem certamente aprendeu por experiência, que realmente o espírito existe, que a alma é imortal. Logo depois, procurou transmitir êsse conhecimento aos seus companheiros. A experiência, posteriormente, repetiu-se algumas vezes diante de umas poucas testemunhas, as quais, em face da importância e da raridade do fenômeno, sentiram-se como se fôsem privilegiadas e possuidoras de valioso segredo. Mais tarde, os fatos acumulados desencadearam a sequência de acontecimentos que culminaram no fenômeno religioso, o qual, sem dúvida alguma, procede do primeiro, do espiritual, pois é mais fácil encontrar-se uma religião sem deuses, do que uma religião sem espíritos.

Como quase todo acontecimento des-

se gênero, o fenômeno religioso, nascido do espiritual, sofreu uma sucessão de transformações que o afastaram de sua fonte originária. Perdido o contacto com a realidade experimental básica, as religiões não puderam oferecer aos perquiridores exigentes as provas objetivas, capazes de dar apóio às suas divagações metafísicas e aos seus dogmas quase sempre irracionais. Arvorando-se em detentoras dos mistérios mais sublimes, as religiões responderam e respondem com artigos de fé, com afirmações gratuitas, ou com anátemas intolerantes, às indagações da razão e do método científico. O resultado é a perda sistemática da crença na existência da alma, na existência do espírito, por parte daqueles que tentam racionalizar os dogmas religiosos.

Periódicamente, porém, o homem redescobre o espírito e comunica, alvoroçado, a boa nova aos companheiros. Surgem os adeptos, depois os grupos e, a seguir, um clero e uma nova religião com um ou vários deuses. E a história se repete. O materialismo floresce, então, ao lado da pompa e do esplendor das grandes religiões.

Mas o fenômeno espiritual é insistente, é impertinente, é intransigente. Mostra-se, a princípio, de maneira sutil; depois, de forma ostensiva; mais tarde, de modo brutal. E o homem acaba descobrindo novamente o espírito, quer queira, quer não.

Há muitos milênios deu-se pela primeira vez essa grande descoberta. Depois, vieram muitas outras iguais; inúmeras outras redescobertas. E assim se irão repetindo, até que os homens incluam a existência do espírito, no rol dos fatos constatados cientificamente.

A finalidade dêste trabalho é contar, de maneira sucinta, a história da descoberta do espírito.

Começaremos focalizando os albores da humanidade, e seguiremos a ordem cronológica normal até chegar ao Século XX, à Idade do Átomo.

Viajaremos inicialmente, com as asas da imaginação, em direção à pré-história e iremos observar o comportamento re-

ligioso do estranho sêr do paleolítico inferior, meio homem, meio macaco, que já se utilizava de fragmentos de sílex como armas e utensílios, em sua faina cotidiana de obter alimento e agasalho para sobreviver.

O nosso guia seguro será a História das Religiões.

2 - A História das Religiões

A História das Religiões, conquanto tenha suas origens em um passado relativamente longínquo, somente passou a constituir uma disciplina científica, em tempos mais recentes. Embora possam assinalar-se, desde a antiguidade, trabalhos com as características dêsse ramo do saber, apenas a partir do Século XVIII, começaram a surgir os elementos indispensáveis ao estabelecimento das suas bases científicas.

Seu desenvolvimento efetivo dependeu da colaboração de várias outras disciplinas, tais como a filologia, a arqueologia, a paleontologia, a antropologia, o folclore, etc.

Alguns eventos importantes estão ligados ao lançamento das bases científicas da História das Religiões. Assinalaremos como exemplos os seguintes:

1687 — *Chardin* trouxe da Pérsia a primeira inscrição cuneiforme.

1771 — *Anquetil e Dupéron* fizeram surgir em francês o *Zend Avesta*, a bíblia do Mazdeísmo, religião fundada por Zoroastro.

1775 — Foram traduzidos para o Inglês os primeiros textos védicos.

1799 — *Bouchard* descobriu a célebre pedra: Stela de Roseta. Roseta (em árabe: *Rachid*) é o nome de uma cidade do Baixo Egito. A referida pedra trazia uma inscrição, feita no ano 196 A. C., contendo um decreto instruindo como celebrar o aniversário do rei. Tais instruções estavam escritas em três línguas diferentes, cada qual em seus caracteres próprios. Dêsse modo foi possível estabelecer-se uma correlação entre o *egípcio erudito*, grafado em hieróglifos, o *egípcio simplificado* ou popular, em escrita demótica, e o *grego*, em seus caracteres já tão conhecidos.

1823 — *Champollion*, aproveitou os elementos de comparação fornecidos pela Stela de Roseta e decifrou a escrita hieroglífica.

O conhecimento de inúmeras outras fontes informativas correlatas facultou o surgimento da filologia comparada, em cuja criação trabalharam intensamente: *von Humboldt* (1835), *Bopp*, *Max Müller* (1870) e outros.

Apoiando-se sobre os resultados de filologia, da arqueologia, da etnologia, da antropologia e do folclore, a História das Religiões pôde, finalmente, alinhar-se entre as ciências e estabelecer os seus métodos. São quatro os principais métodos sobre os quais conseguiu erigir a sua estrutura: o histórico, o comparativo, o psicológico e o filosófico.

Como já o dissemos anteriormente, servir-nos-emos dessa sólida disciplina científica, que é a História das Religiões, para o início de nossas pesquisas em torno da descoberta do espírito. Faremos, portanto, a nossa viagem pré-histórica, baseados em dados seguros e efetivos, sem aquele aspecto, um tanto dúbio e fantasioso, de outras fontes mais ligadas à mística tradicional de cada religião em particular.

3 - A Aurora do Espírito

O aparecimento do homem sobre a Terra foi precedido de extenso preparo. Milhões e milhões de anos foram necessários, para que o nosso planêta se tornasse apto a produzir a vida. Esta evoluiu lentamente, ascendendo de degrau em degrau, ensaiando biliões de modelos e tipos, até conseguir galgar o nível atual, de manifestação da inteligência e da razão.

De acôrdo com os mais modernos processos de medida do tempo geológico, baseados na determinação dos depósitos de elementos radioativos presentes nas rochas, a formação da Terra deve ter-se iniciado há cerca de 3,5 biliões de anos. Há indícios seguros de que a vida surgiu há mais ou menos 1,2 biliões de anos; começou nos oceanos e, pouco a pouco, conquistou também a terra firme. A vida, partindo das ultramicroscópicas formas iniciais indefinidas, que primitivamente se desenvolveram nos tépidos mares da Era Arqueozóica, consumiu perto de 700 milhões de anos para atingir a organização biológica dos crustáceos e moluscos do *Cambriano*. Outro lance de 325 milhões de anos foi necessário para que os peixes, plantas terrestres, insetos, anfíbios e répteis aparecessem, preparando o advento dos

mamíferos do *Triássico*. Acelera-se, então, o movimento ascensional da evolução biológica, pois apenas mais 125 milhões de anos bastaram para que surgissem os nossos ultra-remotos antepassados, os lêmures, e társios do *Eoceno*. Estes últimos, em menos de 50 milhões de anos, originaram os macacos e antropóides que precederam o advento do homem sobre a terra.

Recém-chegado aos imenso palco da vida, emergido da animalidade instintiva, para a conquista da razão, o antropóide inexperiente e bruto viu-se a braços com inúmeros problemas, tanto de ordem física como de ordem espiritual. Eis que, aquilo que chamamos de fenômenos metapsíquicos ou parapsíquicos, passaria a integrar, também, o primitivo rol das experiências que iriam compor o cabedal de conhecimentos iniciais do pré-homíniano que viveu, há um milhão de anos no Plioceno Superior.

A alba da humanidade coincidiu, portanto, com a aurora do espírito, conforme tentaremos demonstrar.

4 - O homem na Pré-História

Façamos, agora, uma viagem através do tempo, em direção ao passado. Vamos caminhar cerca de um milhão de anos para trás.

Eis-nos atingindo o início do Paleolítico Inferior. Um frio terrível assola grande parte da Terra e, nas zonas onde hoje reina clima temperado, o gelo cobre extensas áreas de chão. Tempestades de neve batem impiedosamente os flancos das montanhas, obrigando os animais sobreviventes a buscarem abrigo nas cavernas e anfratuosidades das rochas. Estamos em plena glaciação, no primeiro período glaciário, chamado de *Gunz*, cuja duração atingiu perto de 400 mil anos.

A natureza começa a exercer a sua técnica seletiva, implacável e rigorosa para obrigar o simiesco *pré-homem* a conquistar seus primeiros rudimentos de inteligência e de engenho. Acossados pela inclemência do clima, os animais de sangue quente ou emigram para as faixas equatoriais ou conquistam seletivamente meios de defesa indispensáveis à sobrevivência. Os mais inteligentes tratam de cavar ou buscar abrigos contra os rigores do inverno. Os antropóides, como o *Pithecantropus* e o *Sinantropus*, logo mais,

aprenderam, premidos pela necessidade e acossados pelo rigor do frio, a usar e conservar o fogo, a fazer rudimentaríssimas armas para caçar, e a buscar o aconchego seguro das cavernas mais profundas.

Cerca de quatro mil séculos durou esse curso primário da humanidade ainda embrionária e inexperiente, cujos resultados foram: o domínio do fogo, o uso da pedra lascada como armas e utensílios, a conquista da palavra falada, alguns indícios de organização social e colaboração mútua, pelo menos durante as caçadas, e, finalmente, certo *senso religioso*.

À glaciação de *Gunz*, sucede, então, um período de descanso, um interglaciário de quase cem mil anos. Estamos agora em plena e generosa primavera no quaternário. Uma vegetação luxuriante invade as zonas setentrionais do Planeta. Rios e cascatas cortam as montanhas, enquanto os estrondos das avalanches anunciam a erosão avassaladora nas rochas. Surgem as planícies sobre vales aterrados e as capoeiras cobrem-se de um verde inebriante. Animais de todas as espécies pululam pelos campos e florestas, tornando a caça abundante e fácil. Ao lado dos antropóides brotam as primeiras civilizações, os primeiros vestígios do *homo-sapiens*. E-ilos empenhados na caça de estranhos e gigantes animais, ou na manufatura de armas rudimentares.

Uma nova glaciação vai fustigar esses primeiros espécimes humanos, obrigando-os a buscar novamente o refúgio nas grutas e cavernas. Outra seleção rigorosa é executada impiedosamente no curso de milhares de anos, durante os quais os homens primitivos aprenderam, entre muitas outras coisas, a explorar os recessos mais profundos e escuros das cavernas acolhedoras.

Daí em diante, os períodos primaverís e os glaciários se alternam, como que obedecendo a um plano rígido e sistemático, destinado a selecionar sãbiamente as espécies vivas e, entre elas, a obra prima da evolução biológica: o *homo-sapiens*.

Dêses duros tempos primitivos, o homem ainda hoje conserva alguns resquícios, alguns sinais indeléveis, firmemente incorporados aos seus costumes, às suas tradições e à sua conduta. Dessas épocas de lutas e sofrimentos, ficaram as testemunhas, os marcos característicos que perduraram escondidos nos recônditos mais pro-

fundos das cavernas outrora habitadas, durante milhares e milhares de anos, pelos homens do paleolítico inferior, médio e superior.

Voltemos, agora, aos tempos modernos e façamos uma visita a algumas daquelas cavernas, examinando-as minuciosamente, pois elas nos contarão a história secreta dos seus antiquíssimos inquilinos.

5 - As Cavernas

Na região denominada Pech-Merle, que fica entre Cahors e Figeac, na França, existem várias grutas calcáreas descobertas pelo jovem pastor André David e, mais tarde, estudadas por A. Lemozi. Vamos visitá-las, penetrando em uma delas e explorando sobretudo as suas partes mais profundas. São elas as testemunhas mudas do distante passado da humanidade. Ao penetrar em seus recessos mais íntimos, vemos tetos e pisos crivados, aqui e acolá, de imensas e numerosas agulhas de estalactites e de estalagmites. Logo sentimos a ausência de luz e temos de nos munir de lanternas. Apagando-se os focos luminosos, uma escuridão apavorante e esmagadora envolve-nos de imediato. Os ruídos dos nossos passos ecoam pelas reentrâncias da caverna, multiplicando-se em um cascadear de coisas esmigalhadas. O chão é áspero, cheio de saliências, e a umidade viscosa que mina das paredes parece atingir a pele da gente. Em alguns pontos, sentem-se fortes lufadas de vento, em outros, porém, o ar é morno, estagnado e carregado de odôres estranhos. Avançar por essas furnas medonhas e escuras exige coragem e determinação. Não obstante, caminhemos, buscando os recantos mais interiores da caverna.

Encontramo-nos, agora, em um vasto salão irregular, formado por caprichosa dilatação da parte ôca do imenso monólito calcáreo. Sentimo-nos insignificantes ali dentro. Atingimos as tenebrosas profundezas da montanha. Do exterior, agora longínquo, não nos chega o menor som, o mais insignificante ruído. Ouvem-se apenas os intermitentes pingos de água salobre, que gotejam pelas pontas das estalactites e caem nas poças de água acumulada, no chão rochoso e impermeável. É impossível ficar-se indiferente em um lugar desses. As luzes de nossas lanternas projetam figuras de sombra e claridade pelo teto e paredes, nu-

ma fantasmagoria de espectros indefinidos e aterradores. Um grito comum assume a dissonância de uma algaravia, propagando-se pelos antros de pedra como se fôsem milhares de berros de u'a multidão distante e enfurecida.

Examinemos mais detidamente esse estranho lugar.

Com imensa surpresa, vamos encontrar sinais da presença de seres humanos que ali estiveram, faz muito tempo, e se serviriam desses lugares para qualquer coisa misteriosa que não fôra dormir ou comer. Não encontramos sinais de fogo ou de repastos. Todavia, pelas paredes livres acham-se gravuras representando bisões, renas, cavalos selvagens e cenas de épocas distantes. Chamamos a atenção as silhuetas de mãos humanas rodeadas de manchas vermelhas e pretas, dirigidas para as figuras de animais. Inúmeros outros indícios revalam que nessas cavernas eram celebrados rituais religiosos ou mágicos.

O antropologista H. Breuil, estudando cavernas semelhantes, assim se pronunciou com relação a elas:

«Elas nos mostram (as grutas) o homem da idade da Rena capaz, pelo menos em certas circunstâncias, de penetrar com a luz até ao fundo de verdadeiros dédalos subterrâneos de muitas vezes de mais de um quilômetro de comprimento e aí franquear passagens perigosas. Isto supõe criaturas audaciosas, porque, em todos os países, as pessoas simples têm um pavor tremendo da menor furna escura. Supõe, também, a posse de luz permanente e suscetível de ser restabelecida à vontade em caso de extinção accidental. Mesmo admitindo-se que o uso regular das grutas no inverno, como lugar naturalmente aquecido, haja acostumado os paleolíticos a não temerem tanto a escuridão, há razão, penso, de encarar-se a probabilidade de que as galerias escuras (mas pode não ser somente elas) eram o teatro de ritos cerimoniais relativos à multiplicação dos animais desejáveis, à feliz conclusão de expedições de caça, à destruição por magia dos animais perigosos».

Outros sinais, porém, revelam que a natureza dos cultos celebrados nesses locais não se ligavam exclusivamente à

idéia de caças abundantes ou à conjuração dos perigos, mas envolviam um sentimento religioso superior e a crença na existência dos espíritos. Ouçamos, a propósito, três valiosas opiniões de renomados especialistas:

Dechelette :

«Os desenhos pré-históricos são ordinariamente ocultos e rodeados de um certo mistério... Seria impossível tomar tais figurações, tão bem ocultadas aos olhares dos profanos, por decorações ornamentais ou por simples trabalhos de recreação.»

Salomon Reinach :

«A idéia de que a arte é um divertimento é prejulgamento moderno.

Em suas origens, ela é uma operação ritual».

Peyrony :

«O Magdalenense acreditava em uma outra vida. O que o prova é a maneira pela qual sepultava os mortos e, também, a forma de decorar as cavernas, que não lhe serviam jamais de habitação.»

Como vemos, as partes mais profundas e tenebrosas dessas grutas foram usadas pelos paleolíticos, não como local de refúgio ou moradia, mas sim como verdadeiros templos rudimentares, onde praticavam misteriosos cerimoniais mágico-religiosos.

(Continua)

Desencarne do Presidente da I. S. F.

DAVID BEDBROOK

Chegam-nos de Londres as notícias referentes ao trespasse de David Bedbrook, Presidente da Federação Espírita Internacional e diretor do seu órgão «The Fraternally», ocorrido no dia 1 de Agosto último.

Preocupava-se muito com o movimento espírita brasileiro o pioneiro desaparecido de nosso plano material. Tínhamos sua carta datada de março do corrente ano, cuja resposta em termos físicos não lhe chegamos a dar. Nela, dizia-nos Bedbrook: «Sou de opinião que vocês brasileiros têm realmente motivos para se orgulharem da forma como o Espiritismo progrediu no Brasil, e posso assegurar que nós em particular e todos de uma forma geral partilhamos convosco êsse orgulho pelo belo trabalho realizado».

Apelava Bedbrook para a nossa modesta colaboração no sentido de tornar mais conhecida no Brasil a Constituição da «Internacional Spiritualist Federation»: — «É de vital importância que todos os nossos amigos no Brasil fiquem conhecendo a I. S. F. na maior amplitude e saibam que esta organização é definitivamente não-partidária no sentido de recusar a admissão nos seus quadros daqueles que fazem do Espiritismo uma religião. Eu desejaria empregar todos os meus

esforços no sentido de esclarecer e sem margem a qualquer tergiversação salientar aos nossos amigos brasileiros, nas suas Sociedades, que nós, na Grã Bretanha, também encaramos o Espiritismo como uma religião de primeira classe; temos nossas igrejas, mais de duas mil delas. Muitos dentre nós somos reencarnacionistas, porém mesmo aquêles que não o sejam usufruem de admissão à I. S. F., que lhes permite inteira liberdade de ação, tanto para membros individuais, grupos ou sociedades, operando todos segundo suas próprias cartas constitutivas conforme às necessidades locais.»

Mais adiante, escrevia-nos Bedbrook: «O Brasil, sem dúvida alguma o país mais avançado espiritualmente na América do Sul, deve tornar-se definitivamente parte integrante da I. S. F. e fazer-se dessarte representar nos seus comités, etc. Nós precisamos da presença de nossos bons amigos ao nosso lado para lutarmos juntos a fim de que o Espiritismo Internacional seja reconhecido como uma força universal para o bem. Sòmente através da unificação de todos nós, sem exceção, é que esta meta poderá ser atingida. Insisto: se o irmão puder fazer alguma coisa, de uma forma ou outra no sentido de levar alguma So-

cidade, União ou Federação a associar-se conosco, estará sem dúvida contribuindo valiosamente para o futuro da boa causa do Espiritismo».

E concluiu o valoroso presidente da Federação Espírita Internacional: «Acho, para concluir, que o fator de maior responsabilidade por esta ausência dos irmãos brasileiros é o fato de que eles não interpretam exatamente o que a I. S. F. representa, nem quais sejam suas funções. A meu entender, existe apenas uma única coisa que importa: uma coisa que está acima e além de quaisquer pontos de vistas divergentes, (para cujas divergências a I. S. F. resta importância), e que é esta: **NÓS DEVEMOS NOS UNIRMOS TODOS, SEM EXCEÇÃO E ACIMA DE NOSSOS PONTOS DIVERGENTES, NUM GRANDE FATOR FUNDAMENTAL: a Sobrevivência do Homem e seu retôrno**» (os grifos constam do original inglês).

Sir David Bedbrook dedicou-se ao Espiritismo durante mais de 40 anos de sua vida. Era «médium» clarividente e clariaudiente e deu mais de 7.000 demonstrações públicas de suas qualidades mediúnicas. Reencarnacionista êle próprio, deu na presidência da «International Spiritualist International» exemplo vivificante em prol da Reencarnação que muitos espíritas (ou espiritualistas, con-

forme à índole da língua inglesa) ingleses refutavam.

Se tem faltado até agora maior firmeza do organismo espírita internacional rumo à Codificação de Allan Kardec, ponderável parte da culpa terá sido de nossa omissão. Com o desaparecimento também recente de Achille Biquet, kardecista belga, abre-se nas fileiras da I.S.F. um pôsto de trabalho, cuja brecha ainda mais se vincula, agora, com a ida dos planos terrenos do grande líder reencarnacionista que presidia os destinos do organismo espírita internacional.

Corresponderemos nós brasileiros, agora que David Bedbrook se foi, aos seus ardentes desejos de nos aproximarmos da Federação Espírita Internacional para colaborar denodadamente em prol da causa da Unificação Espírita, já agora em têrmos internacionais? Cristo não deixou nenhuma bandeira nas mãos de ninguém. A flâmula é de todos. Ajude-mos também a carregá-la vitoriosamente através das fronteiras do mundo, unidos todos, sem exceção, como o desejava o grande espiritualista internacional.

Está na hora, espíritas do Brasil, de empunharmos a Bandeira da Unificação acima e além de nossas divergências materiais.

Eddie Augusto da Silva

Importância da Obra de Kardec e sua significação no momento

Aniversário do nascimento do codificador — Meio século de preparação, para o cumprimento de sua tarefa — As pesquisas psíquicas de ordem científica, em nossos dias

A data de 3 de outubro é comemorada pelos espíritas em todo o mundo, por assinalar o nascimento de Allan Kardec, na cidade de Lyon, na França, no ano de 1804. Meio século correu sobre essa data, antes que o Espiritismo surgisse no mundo. A criança que nasceu em Lyon, numa família tradicional de magistrados francêses, recebeu o nome de Hippolyte Leon Denizard Rivail, e ao contrário dos seus ascendentes, não seguiu a carreira da família. Estudou medicina, mas também não seguiu a carreira. Estudou pedagogia, em que se destacou como discípulo de Pestalozzi, e

por numerosas obras didáticas largamente adotadas nos cursos francêses.

É curioso notar que o prof. Denizard Rivail somente começou a se interessar pelos fenômenos espíritas aos cinquenta anos de idade, ou seja, em 1854, e somente em 1857 publicou o primeiro livro doutrinário. Esse livro, porém, tornou-se a pedra angular do Espiritismo, a obra fundamental da doutrina. Foi a partir desse livro, o «Livro dos Espíritos», que a doutrina começou a existir. Antes dele, só existiam os fenômenos, e interpretações imaginosas dos mesmos. Kardec estruturou o Espiritismo e deu-lhe

um nome, criando para isso uma palavra especial, um neologismo da língua francesa, que logo mais era traduzido para tôdas as línguas. A palavra Espiritismo é uma criação de Kardec, que a divulgou pela primeira vêz ao publicar o referido livro. Durante cinquenta anos, portanto, o prof. Denizard Rivail preparou-se para o cumprimento da missão que lhe cabia na terra. As pessoas que criticam êsse fato, afirmando que Kardec só na velhice se lembrou dos fatos espíritas, esquecem-se de que as grandes tarefas exigem amadurecimento dos seus responsáveis. Também Jesus viveu trinta anos na obscuridade, preparando-se para a pregação do Reino, que só realizou nos três últimos anos de sua vida. Denizard Rivail estudou, desde muito jovem, magnetismo e hipnotismo, aprofundando-se no conhecimento dessas matérias, que muito lhe serviram, mais tarde, para compreender a natureza dos fenômenos espíritas. Por outro lado, os seus estudos de medicina e de pedagogia muito contribuíram para a posição objetiva e serena que tomou diante da fenomenologia espírita, não se deixando levar por conclusões apressadas em nenhum momento.

A obra de Kardec provocou reações imediatas em vários setores do mundo cultural da época. As duas reações principais partiram da esfera religiosa e da esfera científica. De lado a lado havia grandes interesses em jogo. Kardec contrariava numerosos dogmas religiosos e abalava princípios fundamentais das ciências. Homens como William Crookes e Alfred Russel Wallace seriam convocados a se pronunciarem a respeito dos fenômenos espíritas, a fim de liquidarem, com a sua imensa autoridade científica, a «nova superstição». Mas assim como, na esfera religiosa, houve sacerdotes e ministros que preferiram romper com suas igrejas a negar a evidência dos fatos espíritas, assim também, na ciência, Crookes, Wallace e outros, preferiram honestamente a verdade.

Essa atitude corajosa de vários lumináres da ciência e da religião não foi

suficiente para impedir a onda de ataques ao Espiritismo, e portanto a Kardec e sua obra, que até hoje continua a rolar sôbre o mundo. As instituições humanas são dotadas do mesmo instinto de conservação que caracteriza os homens. Reagem com energia diante de tudo aquilo que possa ameaçar-lhes a estrutura. Mas o Espiritismo dispunha, por sua vêz, de energia suficiente para enfrentar a luta, e prosseguiu. Kardec fechou os olhos para a vida física a 31 de março de 1869, próximo aos 65 anos de idade. Mas já nêsse tempo a sua obra constituia um sólido e grandioso monumento, conhecido em tôda a terra. E após a sua morte, sua mulher, Amelie Boudet, e seus discípulos, prosseguiram na luta, que mais tarde seria dirigida mundialmente por um novo «leão», ou seja, por Leon Denis, o sucessor de Leon Denizard na direção espiritual e intelectual do movimento doutrinário.

O Espiritismo é hoje uma doutrina vitoriosa. No terreno da religião, impôs-se mundialmente como uma religião de bases científicas, e portanto racionais, que não se apoia em dogmas metafísicos mas em princípios demonstráveis. No terreno da ciência, apesar do materialismo dominante nos meios científicos, impôs a realidade dos fenômenos em que se apoia e determinou o aparecimento de disciplinas importantes, como a Metapsíquica, de Charles Richet, e a Parapsicologia, de Joseph Rhine, hoje admitida nos currículos universitários. Com o natural desenvolvimento dos estudos parapsicológicos — ou ainda da chamada Ciência Psíquica inglesa, de que o prof. H. Price, de Oxford, é um dos expoentes na Inglaterra, e o prof. Björkhem, de Upsala, um sêtio investigador na Suécia — os princípios espíritas serão reconhecidos dentro de alguns anos pelos meios científicos mais adiantados. E Kardec, então, terá o reconhecimento que o mundo lhe deve, pelo muito que fez em favor da libertação espiritual do homem e da evolução do nosso planêta.

Irmão Saulo

No contato constante com os vossos semelhantes é que obtereis as virtudes que vos santificarão, se fordes pacientes e souberdes relevar os seus erros, auxiliando-os ainda que se declarem vossos inimigos.

CAMARGO.

A propósito de um Livro

(Quando do 50.º aniversário
de Josué de Castro)

— I —

FERNANDO TOLEDO



ERMINAMOS de reler, agora, o admirável livro «Geopolítica da Fome», de Josué de Castro, já em 4.^a edição, revista e aumentada. O ilustre médico brasileiro, especialista em nutrição, biólogo, presidente que é do Conselho da FAO e diretor do «Instituto de Nutrição do Brasil», acaba de completar meio século de existência, uma vida fecunda, construtiva, humanitária.

No século em que estamos vivendo, no dizer de H. Gordon Garbedian, indubitavelmente a «marcha progressiva da civilização, a luta da humanidade para elevar-se, depende, em última análise, dos homens de intelecto poderoso e coração magnânimo». Infelizmente, porém, parece que, com raras exceções, os filósofos, escritores e cientistas continuam silenciosos ou adstritos «ao domínio de suas investigações científicas, especializadas e abstratas, recusando-se a se afastar delas e tomar parte ativa na tarefa de solucionar os torturantes problemas da atualidade», conclui aquêlê escritor americano. Daí Osvaldo Spengler afirmar que «essa falta de fortaleza espiritual e intelectual ser uma das causas que mais têm contribuído para a decadência da civilização ocidental».

É com satisfação entretanto que, não obstante a mentalidade reacionária que tem pesado nesta parte do mundo, registramos o aparecimento de homens de coragem e de visão, como é o caso do autor do livro que ora comentamos.

Esta obra, «Geopolítica da Fome», foi escrita, segundo o seu próprio autor, a pedido de uma editôra norte-americana, e se encontra traduzida em oito ou mais idiomas. Com ela, ganhou o escritor o «Prêmio Franklin D. Roosevelt», como «a melhor obra publicada nos Estados Unidos no campo das ciências políticas e sociais».

No livro, o autor condena, entre outras coisas, o malthusianismo, doutrina criada por Malthus (1766-1834), pastor presbiteriano inglês, economista, autor da célebre obra «Essay on the principle of population», na qual sustenta a teoria de

que a população do mundo cresce na seguinte progressão geométrica: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64 etc., — ao passo que os meios de subsistência não acompanham a mesma progressão — 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 etc.: ao que êle dá o nome de progressão aritmética; segundo Malthus, dever-se-ia restringir ao máximo a reprodução da espécie humana por motivo de ordem econômica e ao bem da própria humanidade.

Contradita, então, o nosso Josué de Castro aquêlê autor, assim como aos neomalthusianos. Para êstes, segundo as próprias palavras de Josué de Castro, «o mundo vive faminto e está condenado a perecer numa epidemia total de fome porque os homens não controlam de maneira adequada os nascimentos de novos seres humanos; não fazem mais do que atribuir a culpa da fome aos próprios famintos, e que, aumentando a pressão demográfica do mundo, mercê do seu delírio reprodutivo, êsses povos famintos não passam, ao ver dos malthusianos, de criminosos, criminosos culpados dêsse feio e tremendo crime... de passar fome». — «A teoria neomalthusiana é, em última análise, continua o escritor patricio, uma teoria do faminto-nato. O Faminto-nato passa fome porque é famintó-nato, como o criminoso da antiga teoria lombrosiana mata e rouba por ser criminoso-nato. Como os criminosos-natos, merecem os famintos um castigo exemplar e, por isso, os neomalthusianos os condenam ao extermínio, individualmente, levando-os a morrer de inanição, e coletivamente, controlando-lhes os nascimentos, até que desapareça do mundo a raça dos famintos-natos, dêsses criminosos-natos, culpados do crime mazoquista de criar a fome e sofrer suas conseqüências»...

É a fatalidade: não há escapatória, nem esperanças, portanto!

Essa teoria desumana, por sinal controvertível em razão das modernas pesquisas nos terrenos da Ciência, assim como no da economia política e da economia social, que hoje se alargaram em campos de estudo realmente complexos, é, no fundo, consciente ou inconscientemente, criada pelos «defensores e aproveitadores da

economia de tipo imperialista», — e que continua disposta a proteger somente uma parte reduzida de privilegiados...

Em nossa opinião, o malthusianismo nada mais é, ainda que pareça contraproducente, visto o seu criador ser espiritualista, que o resultado natural da cultura materialista, ou melhor materializada, da presente época, aplicada, pelo homem, na economia política; se observarmos em nossos dias a atmosfera que envolve a Ciência, na sua expressão real, positiva, dentro do limite conceptual do homem moderno, veremos que, em síntese, no que diz respeito ao descortínio do horizonte espiritual do ser humano, como criatura vivente, pensante, que sente, que ama e que sofre, ela só oferece à nossa alma a dolorosa perspectiva de um futuro... sem amanhã, como a nos dizer — trabalha, sofre, ama, e como recompensa final de todos êsses labores só terá o nada, o esquecimento.

Ilustre médico português, falecido há pouco, Dr. Antônio J. Freyre, que, diga-se de passagem, no governo do ditador Salazar viu quase completamente cerceada a sua atividade religiosa, como pensador espiritista que era, escrevia que: «A amplitude da Evolução humana é demasiadamente grande para caber nos estreitos limites que a Ciência lhe demarcou entre um berço e um túmulo, onde mal cabem um sorriso de esperança e uma lágrima de saudade. Uma vida, assim, não valeria uma noite triste e fria, porque a noite mais tenebrosa tem também a sua aurora de beleza e de esperança...»

Ora, se observarmos por outro lado as religiões, notamos não terem elas acompanhado a Ciência no terreno da objetividade, continuando a encerrar a fé nos estreitos limites do misticismo, daí não mais satisfazerem aos anseios naturais dos espíritos perquiridores e inquietos de nossos tempos. Inteira razão cabia portanto a Léon Denis, no princípio dêste século, quando, numa antevisão dos acontecimentos da hora presente, afirmava que a nossa época «se agita nas trevas e no vácuo, e procura sem achar um remédio para os seus males». A realidade triste seria, portanto, esta: toda a vida do homem gira em torno de um futuro incerto. Atingiu, por conseguinte, o racionalismo materialista dos malthusianos uma situação de veras embaraçosa: a de procurar conciliar uma teoria essencialmente atéia e desu-

mana com o espiritualismo cristão do seu fundador.

Modifiquemos, entretanto, um pouco o fio de nosso raciocínio; façamos algumas digressões a propósito da personalidade de certos homens, muita vez contraditória e incoerente, joguetes que se tornam êles da atmosfera espiritual desequilibrada dêstes tempos.

Em Filosofia, dialética, como todos sabem, significa a arte de raciocinar, de argumentar e discutir; segundo certos dialéticos, à classe proletária estaria fadada a alta missão de transformar o mundo, eliminando, paulatinamente, certos princípios caducos e inumanos que até aos nossos dias, infelizmente, continuam norteados a humanidade. Segundo Rudolf Rocker — e aqui concordamos com êle — os dialéticos marxistas erram, aí, no seguinte ponto: no de atribuírem «a determinada «classe» certas tarefas históricas e convertê-la em representante de certas correntes ideológicas» (ver: «As Idéias Absolutistas no Socialismo»). É que a História tem demonstrado que, quanto aos relevantes e elevados papéis a desempenhar entre os homens, em todos os tempos, geralmente isso não obedece a determinados princípios, digamos assim, preestabelecidos — o fenômeno se dá espontâneo e desordenadamente, melhor dizendo: os homens espiritualmente evolvidos, os arautos das idéias renovadoras, independem dos meios em que nascem, e, por conseguinte, é muitas vezes pouquíssima ou quase nada a influência dêstes sobre êles. — Indivíduos há que vieram de meios cultos, quando não da classe alta, como um Bakunine, um Proudhon, um Kropotkin, para não falar de um Tolstoi, assim como tantos outros; não obstante, pregaram uma filosofia humanizada. Não só das classes pobres saem, ou poderão sair, os reformadores realmente construtores. Aceitamos, pois, repetimos, neste particular, somente em parte as referidas conclusões dos dialéticos marxistas.

Enquanto para alguns teóricos, como Kautsky, v. g., é francamente exequível viverem os homens em harmonia neste mundo, visto que, com uma política agrária organizada todos poderão gozar, em igualdade de direitos, dos alimentos que a mãe-terra vier a produzir, para outros, porém, como o cientista norte-americano William Vogt, por ex., — que,

como homem de ciência, tinha «obrigação» de alimentar uma filosofia construtiva e que objetivasse a solução dos problemas das classes menos favorecidas, — ao contrário, são, isto sim, francamente pessimistas, de um pessimismo que chega a tomar colorações verdadeiramente horripilantes. Vemos, por outro lado, o mesmo Thomas Robert Malthus, pastor protestante (homem que, fazemos questão de frisar, se diz crente em Deus, na imortalidade pessoal, um espiritualista portanto), apregoando em seu «Ensaio» o extermínio das raças ditas incapazes, se não de maneira clara, pelo menos francamente ilativa! — E se, obedecendo a presente ordem do nosso raciocínio, evocássemos um Adolf Hitler, indivíduo de origem humilde, mas portador de ideais políticos-sociais completamente reacionários?! Convém lembrarmos de que foi no seu govêrno que a antiga Geopolítica, originária na Suécia, com Kjellén, se não nos enganamos, passou a ser orien-

tada por Carlos Haushofer num sentido puramente nazista, isto é, por uma direção diferente da do mestre de Upsala, ou seja, da «consciência geográfica do Estado», como um sêr vivo, que encara o princípio do «espaço» com a frieza dos povos imperialistas. É a «Geopolitik» alemã. — Dir-nos-iam talvez que Hitler é produto da cultura burguesa. Concordamos. Não se pode esquecer, entretanto, ter sido êle antes de mais nada um ser racional, que optou seguir por um caminho que mais interessava à sua personalidade de homem livre; negar tal coisa inteiramente é admitir a criatura destituida de completo livre arbítrio, e portanto não lhe cabendo nenhuma responsabilidade nos atos criminosos que vier ou puder vir a perpetrar. Ora, isto seria o fatalismo, e então ninguém mais se entenderia... Os marxistas não negam tal conclusão!

(Continua)

Fazendeira Desumana

General Levi-
no Cornélio
Wischral

Já se findava a sessão do Centro Espírita «Boa-Vontade», de Curitiba, quando, aproveitando os minutos finais, o espírito conhecido pelo nome de Vasconcelos falou através das faculdades mediúnicas de Hercílio, manifestando-se em voz compassada, num genuíno sotaque de bom mineiro do interior.

Meus irmãos—disse êle— para vossa melhor meditação, devo relatar uma pequena história de que fui testemunha quando ainda vivia aí na Terra, em Belo Horizonte, entregue ao ramo de seços e molhados.

Próximo à minha casa morava uma família que, com enormes dificuldades, criava uma moça de trinta anos, se muito. Sofria ela, minuto por minuto, sem alívio ou interrupção, daquela horrenda moléstia chamada aí de «fogo selvagem» ou, como dizem os médicos—pênfigo, moléstia de origem misteriosa, das mais cruéis, começando por umas bôlhas transparentes, advindo depois manchas vermelhas e pústulas que, rápido, se transformam após em milhares de escamas fétidas recobrendo todo o corpo. Removidas, pelo banho matinal, essas nojentas escamas esbranquiçadas e secas, imediatamente outras tantas

se formam envolvendo o corpo como se fossem uma só enorme chaga. E, como se tamanha desgraça não bastasse, passa a criatura a sofrer uma dor, quem sabe a mais intensa, qual seja a sensação exata de se estar consumindo numa fogueira de labaredas sem fim, tamanho é o calor que a enfaixa. Êste é o tal fogo selvagem que leva os enfêrmos ao túmulo onde, então, renascem em corpo espiritual mais purificado ou limpo.

Além disso — falou Vasconcelos — o doente vai diminuindo, diminuindo ou, melhor, vai se reduzindo anatômicamente, passando a pessoa adulta a ficar do tamanho de uma criança de cinco anos de idade, porém com a fisionomia de uma pessoa bem velhinha.

Os enfêrmos, geralmente, não conseguem dormir, e suas noites são de longas e tremendas esperanças por um novo dia melhor; esgotam-se fisicamente e quase sempre acabam em estado de idiotia. Tudo isso Mirolinda — êsse seu nome — não ignorava, pois possuía o curso ginasial, era vivaz ao extremo e, quando podia, consultava ansiosa massudos tratados de medicina, para melhor conhecer sua moléstia.

Ao visitá-la, quantas vêzes, revoltada e desiludida, Mirolinda maldizia de Deus e suplicava a mim que, por caridade, a aliviasse dêsse amaldiçoado martírio, pois era apenas um trapo humano, totalmente recoberta de pústulas e escamas, debaixo das quais gotejava o sangue, como se fôsse rubras lágrimas. Eu tinha certeza de que ela tomaria, com prazer, um copo de qualquer violento veneno para abreviar-lhe os padecimentos; mas que fazer?

Raras eram as visitas. E, quando alguém ia vê-la, era incapaz de reter as lágrimas, tocado de profunda piedade, transmitindo à infeliz moça maiores angústias ainda. Mirolinda nada mais sabia dizer a não ser aos gritos: «Onde está êsse Deus sem misericórdia, que me faz sofrer, inocente, sem nunca haver cometido mal algum!»

E, assim, Mirolinda foi se consumindo, mergulhando em um mundo tétrico, até que com trinta e nove anos deixava na sepultura o seu corpinho de apenas cinco ou seis palmos, totalmente aniquilado pela dor física.

A tudo eu assistia de coração amargurado, sem nada poder fazer a não ser preces a Deus, pela moça. Nada entendia daquele estranho e misterioso caso; apenas ia tomando nota em um caderninho de venda dêsse escabroso fato e de outros que me pareciam interessantes para que quando eu chegasse lá no céu, perguntasse a alguém a respeito dêsses mistérios que a tantos impressionam; dessa maneira anotei uma porção de coisas enigmáticas.

Agora que estou no «espaço» — como dizem os espíritas — e mal penetrando em meu novo lar celeste, aliás sem grandes emoções próprias da viagem através do túmulo, fui, com admiração minha, convidado, mesmo sem nada haver solicitado, a visitar um gigantesco departamento do Ministério da Justiça Divina, local onde são anotadas, alteradas e arquivadas bilhões de fichas das criaturas encarnadas ou desencarnadas, de todos os que estão na Terra ou por ela passaram. São as fichas da vida ou, como dizem lá, fichas cármicas, que eu iria ver e analisar.

Logo que recebi o documento de Mirolinda não tive necessidade de muita leitura, pois imediatamente todo o conteúdo anotado se apresentava, como por milagre, sobre uma tela, tipo cinematográfica, a rodar com inauditos pormenores.

Extraordinário! — disse eu. Tinha a impressão exata de que via a própria pessoa presente e não o que estava inscrito na ficha. Lá estava aquela mesma Mirolinda, de Belo Horizonte, com idêntica fisionomia, porém vivendo no ano 1886, com o nome de dona Custódia N. Montenegro, riquíssima fazendeira e fidalga, possuidora de ilimitadas glebas de terra no Norte do Estado de São Paulo. Naquela época possuía ela três filhas e um rapaz em uniforme de alferes. Por herança, coubera-lhe imensa fortuna e uma senzala para acomodar 70 a 80 escravos, cruelmente tratados por pessoas de índole perversa, verdadeiros bandidos, empregados por d.^a Custódia como se fôsem leais e bons capatazes.

Pela época mencionada, já os escravos viviam em estado de alvoroço, pois o postilhão que chegara da côrte informara sobre possível libertação dos negros. E a tela cármica expunha com fidelidade tôda a vida anterior daquela que se consumiu pelo fogo lá em Minas Gerais.

Vasconcelos vê agora, na tela psicométrica, coisas chocantes; espantosas! Elesbão e Eusébio, dois retintos escravos na flor da mocidade, vigorosos, prestativos e simpáticos e, aos pés dêles, duas cabeças degoladas de outros escravos que haviam procurado a liberdade; lá se via um quadro horrível! É que dona Custódia ordenara que os dois fugitivos recapturados ficassem três dias e três noites sem comida e sem água, amarrados ao tronco, à disposição das formigas e de outros insetos venenosos, para ali levados de propósito. Agora é vista a família da fazendeira, em ricos aparatos, orgulhosa, ostentando pomposas vestimentas como se estivesse presente a uma cerimônia de gala no paço imperial; a criadagem ao redor, e, mais além, todos os escravos em atitude contrafeita. Sim; todos eram obrigados a assistir ao macabro ritual por ela concebido para dar «um exemplo digno e uma justa lição» aos pobres fugitivos. Os olhos de dona Custódia brilhavam, satânicamente, de prazer quando seus capatazes cobriam os corpos nus com camadas de algodão e estopa ensopadas em alcatrão e querosene. Poucos instantes após, o fogo tudo reduzia a carvão e cinzas, inclusive os crâneos decepados dos outros dois, cujos corpos abandonados já haviam servido de pasto aos corvos.

Dona Custódia permanecia imper-

turbável em sua rica poltrona almofadada, de vestido branco guarnecido de finas rendas engomadas, fisionomia rígida, sorrindo maquinalmente enquanto os desgraçados eram carcomidos pelas labaredas crepitantes.

Irmãos que me ouvis — disse Vasconcelos através do médium — porventura seria justo que aquela dona Custódia, fazendeira cruel, agora renascida em novo corpo — o de Mirolinda — devesse estar quites e em paz com as leis de Deus, com saúde, chefiando, por exemplo, algum orfanato ou, quem sabe, dirigindo um hospital ou mesmo administrando seu doce lar, sem sentir o mínimo de amor ou uma insignificante parcela de amizade para com as criaturas que a cercassem? Pois é justamente agora que dona Custódia está colhendo parte do que semeou entre aquela dezena de escravos que Deus confiara à sua guarda e amor!

A inexorável lei de Causa e Efeito está sempre a exigir que as mínimas ações e atitudes se harmonizem e equilibrem com a Vontade Suprema. Já nos ensinou Jesus, nosso Excelso Modêlo, que cada um terá de colher o que semear de bom ou de ruim, isso significando que Deus nunca castiga a ninguém, pois cada um terá que receber aquilo que houver propiciado a outrem.

Aliás, a Justiça Divina é mais bondosa e misericordiosa do que se imagina, pois, enquanto eu me dirigia a vós, irmãos dêste Centro, pude antever a nossa infeliz Mirolinda, em futura encarnação, num casebre em distante subúrbio do Rio, como mãe-preta, recebendo através do seu ventre bendito dois filhos gêmeos, que serão justamente aquêles dois escravos Elesbão e Eusébio aos quais tanto ódio ela votara. E, mais tarde, conforme nos é dado ver, chegarão a seu regaço os espíritos a que pertenciam aquelas duas cabeças decepadas e mais os daqueles malvados capatazes para aumentarem os membros da família dessa nossa irmãzinha, a

fim de que tenha muito trabalho; sua cruz será pesadíssima!

Pois é! — acrescentou Vasconcelos penalizado — A Bíblia tinha razão ao dizer: «A quem muito tem dar-se-á mais ainda».

Podeis imaginar como ela terá de encontrar tempo para mimar aquele seu bando de onze crianças? Beijá-las, envolvê-las em sentimentos de carinho? Como ficará preocupada para vesti-las com capricho, limpinhas e enfeitadas de rendas alvas e engomadas?... Podeis avaliar como ficará atarefada, inquieta e sem sono, perdendo noites e mais noites, ao lhe visitar as crianças o sarampo ou a coqueluche? Agora vêmo-la derramando muitas lágrimas silenciosas pela madrugada a dentro, em constante tensão de alerta, ao lado de seu marido, sim, aquêle que lhe foi fiel capitão de mato no papel de perverso capataz e agora desempenhando papel de anjo de guarda do lar! Algum tempo depois, terá de sofrer a angústia de ver a morte, quase simultânea, dos gêmeos que, em futuro algo longínquo, terão a incumbência de receber sua boa mãe-preta lá no céu, quando ela fizer o seu desenlace já aliviada pelo sofrer paciente e construtivo.

Mas, caros confrades — continuou Vasconcelos — a morte não existe; isto tudo é fantasia nossa; eu também já morri muitas vezes; já fui, como dizeis aí, aristocrata grã-fino; já fui bandido, escravo, saltimbanco; já fui idiota e até mulher em outras encarnações passadas, e hoje ainda me considero o calmo e gordo senhor Vasconcelos, ex-negociante de secos e molhados de Belo Horizonte.

Não levem, caros irmãos, a vida tão a ferro e fogo; não! Para que ninguém padeça, sugiro que conduzam tudo com o amor exemplificado por Jesus.

Afianço-lhes que esta história é verdadeira; por isso, peço que meditem a respeito do acontecido com Mirolinda.

P A X.

Richard Hodgson, Presidente da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, escrevia nos Proceedings of Society Psychical Research: — «Acredito, sem a menor sombra de dúvida, que os espíritos que se comunicam são de fato as personalidades que dizem ser; que sobreviveram à mutuação conhecida pelo nome de morte e que se comunicaram diretamente conosco, pretensos vivos, por intermédio do organismo de Mrs. Piper adormecida».

As Vantagens do Hipnotismo

Luiz Caramaschi

Histórico

O hipnotismo é sugestão; por isso é tão velho quanto a humanidade. Desde que os homens se inter-atuaram, por meio da palavra, a sugestão começou a exercer sua influência.

Para que a sugestão penetre e produza os seus efeitos, é preciso que encontre lastro; não se poderá suggestionar se não se fizer compreendido; daí porque não se pode hipnotizar crianças muito pequenas, nem idiotas nem bêbados, nem paranóicos. Não se pode hipnotizar ninguém:

- a) que não queira ser hipnotizado
- b) que não possa concentrar a atenção como os bêbados e os idiotas
- c) que não tenha poder de vontade suficiente para querer ser hipnotizado.

O hipnotizador não possui poderes ocultos nenhuns, nem suplanta as vontades alheias com a sua. O hipnotizador tem de *saber* e não de *querer* hipnotizar. Não é a sua vontade que vale, mas, a sua ciência, a sua arte.

Jesus Cristo, sempre que curava, inquiria do paciente se ele tinha fé. Esta fé é o lastro sobre que se apoia a sugestão. E depois que Jesus produzia a cura, ele declarava «a tua fé te curou». Quando Jesus esteve na sua terra, não pôde produzir curas, porque ninguém acreditava nele. Nessa ocasião foi que disse: Nenhuma profeta deixa de ser profeta, senão na sua terra e na sua casa.

Jesus, sabendo que a hipnose é um processo científico, nada miraculoso, declarou o seguinte: As coisas que faço, vós as fareis, e ainda maiores.

Isto não é negação dos poderes de Jesus; pelo contrário, é afirmação, pois, o poder não é força, mas, sabedoria. Poder é saber. Quem sabe pode; quem não sabe, não tem poder, nem que seja um gigante da vontade. U'a máquina capaz de moer um mundo, pode ser acionada por uma simples criança que lhe conheça o funcionamento. Assim Jesus era po-

deroso, porque o seu poder estava na sabedoria e não na força.

Sugestão sub-liminar

Nos EE UU se vendem discos com sugestões, por exemplo: *you will emagrecer; you are calm, serenissimo, etc.* Coloca-se um pequeno alto-falante sob o travessairo, e fica-se a ouvir o disco nesse estado de modorra, de sonolência, que é quando a censura racional está frouxa. Existe até, nos EE UU, uma companhia que se chama: «Subliminal Projection Company Inc.», a qual explora comercialmente a sugestão inconsciente. Por isto Karl Weissmann chama a isto «Hipnotismo Comercial». Durante a projeção de um filme, aparecem pequenas falhas que não lhe interrompe a sequência. Essas pequenas falhas são provenientes de frases-relâmpagos que dizem, por exemplo: «Beba Coca-Cola», «Coma Pipoca», «Beba Café». Os olhos lêem a frase, e o subconsciente a registra, sem que o consciente tome conhecimento. O resultado é que o espectador começa a sentir vontade de beber coca-cola, ou café. As autoridades governamentais foram alertadas do perigo de tipos como Hitler ou Stalin tirarem proveito do fato científico, apresentando frases assim: «Hitler é o Maior», «Stalin é nosso Pai».

Todavia esta coisa perigosa, se aplicada para o mal, será prodigiosamente boa, se aplicada para o bem. Assim, nos programas de televisão e no cinema poder-se-iam intercalar frases-relâmpago que dissessem: «Seja Calmo», «Domine Seus Nervos». Dia virá em que teremos, pelo rádio, «A Hora Repousante», com música adormecedora e sugestões positivas, saídas. Precisamos disto para contrabalançar a chuva de sugestões negativas, materialistas, as explorações da cobiça e do sexo; estas sugestões, quando sub-liminares, quer dizer, que a gente as registrou sem as perceber, atuam na nossa vida, ou fazendo que nos degrademos, ou provocando fortes conflitos com o Super-Ego, disto resultando os

medos da vida, os nervosismos, as angústias, etc. Eis porque nossa civilização até se poderia chamar: «Civilização da Angústia».

Hipnopédia

Hipnos — sono, e pédia — ensino, educação. É a hipnose aplicada à educação. Não só se pode, pela hipnose, desfazer as inibições, as fobias, os medos e as angústias dos que vão a fazer exames, como ainda se pode melhorar a memória ao ponto de criar os chamados «super-cérebros». Na Alemanha já se aplica êste método que consiste em gravar a lição numa fita magnética, e depois ouvi-la em estado de transe hipnótico. O resultado é que aquilo que se vai decorar, se grava, de pronto, no subconsciente. Com isto se conseguem verdadeiras «enciclopédias ambulantes». Como nossa escola é pura decoração, aqui está como todos poderão se transformar em «gênios» (?!), e tirar só cem...

A inconsciência dos professores

É muito comum professores xingarem seus alunos de «burros», «cabeça-de-vento», «preguiçosos», etc. É que êstes tais professores, na sua inconsciência, não sabem que estas frases são *sugestões que se gravam*, produzindo os seus efeitos. Os senhores diretores deveriam tomar providências, e os professores deveriam conhecer, de fato, a psicologia que as mais das vezes apenas decoram, ao fazerem seus cursos. Há carreiras e homens que são destruídos por sugestões negativas de professores criminosamente ignorantes da psicologia.

O *transe hipnótico* é um estado agradável, de sonolência que pode chegar até à inconsciência ou não. No estado de sonambulismo pode-se dar uma ordem como: «Amanhã, às dez horas, o seu olho esquerdo vai ficar adormecido a tal ponto, que é como se êle não existisse». No outro dia o olho adormece, e pode ser extraído sem que o paciente sinta coisa alguma. Esdaile fazia isto, e o paciente acompanhava a operação, com o outro olho, por um espelho.

Diante disto, todos os que se submetem ao sono hipnótico, terão, à mão, esta possibilidade fantástica para ser usada, se preciso, a qualquer momento.

Perigos do hipnotismo

Há os que temem ser hipnotizados e não poderem acordar. Êste perigo não existe, e se o «sujet» não quer acordar é porque foi a isto «condicionado», por algum outro hipnotizador, a agir assim. Mas não há nenhum perigo, pois, o sono hipnótico pode transformar-se em sono natural. Até se usa êste processo para o insone: dá-se-lhe uma ordem de que, ao se deitar, cairá em *transe hipnótico*, e dormirá tôda a noite.

A não ser no caso de um condicionamento dêstes, em que o «sujet» acorda quando quiser, todos acordam à ordem do hipnotizador, pois, é claro que aquilo que a sugestão faz, a mesma sugestão desfaz. Se o «sujet» perdeu o ouvido, e por isso não ouve a ordem de acordar, basta soprar no ouvido, e êle acordará; soprando-se, no rosto, o «sujet» acorda, e é por isso que o sono hipnótico deve estar resguardado de ventos.

O perigo existe, isso sim, nas sugestões aflitivas que nunca, por isso, se devem dar, porque podem produzir traumas. Nunca dizer ao «sujet»: «você está se afogando», ou: «você caiu no fogo». Se o «sujet» está guiando um automóvel imaginário, não se lhe há-de dizer: «desastre — o automóvel está tombando na barroca». Nada de sugestões de perigos.

Ao acordar o «sujet», nunca esquecer de o fazer com *progressividade*, com *delicadeza*, sugerindo-lhe que vai acordar sem dor de cabeça, sem sonolência, sem corpo pesado; vai acordar muito bem disposto, muito alegre, muito feliz.

Hipnotismo e religião

Quem quiser demonstrar que os fenômenos espíritas não passam de fenômenos hipnóticos, acabam por provar, também, que tôdas as fês são sugestões, e que todos os sacramentos e ritos valem só pelo efeito sugestivo e alucinatório que causam nos fiéis. Nêste caso a imaginação criou o mito, e êste agiu, reflexivamente, sobre a mente, criando a alucinação; daqui em diante o alucinado crê, porque teve uma «experiência mística». Mas teve uma «experiência mística» porque foi sugestionado por uma «criação mística». Então a fórmula psicológica das religiões é esta:

imaginação † sugestão = mito
mito † sugestão = religião

No Espiritismo os fenômenos se baralham, confundindo-se animismo (sugestão subconsciente do médium) e telepatia com a comunicação própria dita. Porém o fenômeno espírita existe. É por isso que Aldous Huxley, em «O Cruzeiro» de 6 de setembro de 1958, afirmou que «mesmo aceitando a larga margem de fraude e telepatia, há um mínimo de casos que não podem ser explicados pela ciência corrente». É esse «mínimo de casos» que constitui o objeto do Espiritismo científico.

E do mesmo modo que os fenômenos hipnóticos invadem o campo do Espiritismo, também os fenômenos espíritas permeiam os hipnóticos. Nas sessões de hipnotismo não há só a telepatia, provinda de encarnados, mas, também a *telepatia originária dos desencarnados*. O hipnotista que tiver algum desafeto desencarnado, pode passar maus pedaços, como é o caso do dentista que, tentando hipnotizar u'a mulher, teve-a incorporada por uma entidade inimiga que o agrediu e lhe quebrou o gabinete.

Num dos espetáculos havidos há pouco tempo, nesta cidade de Piraju, um menino hipnotizado reagiu à ordem do hipnotizador que o queria gago, dizendo-lhe, muito enfaticamente: «Eu não sou gago». De outra feita, o mesmo menino, alucinado com a idéia sugerida de que era um candidato a prefeito, discutindo com o seu opositor, afirmou: «Eu venço esta eleição, porque já venci duas; eu já fui prefeito duas vezes». Ora, de onde o menino foi tirar isto, de que fôra prefeito duas vezes?

A coisa é simples? Não, não é simples. Karl Weissmann, que nega a regressão pré-placentária, afirma que «ainda hoje, alguns aspectos do hipnotismo estão por ser explicados, ou pelo menos melhor explicados». Que casos são estes? Dentre muitos estão os que êle próprio comprovou, pois, «nas milhares de pessoas que hipnotizou, teve um caso de clarividência e inúmeros casos de incidência telepática, indiscutivelmente provados.» Afastada a hipótese do magnetismo, ficou sem explicação o fato de, nos testes de suscetibilidade, o paciente cair, como que atraído pelas mãos do hipnotizador.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

67 — Sai a procurar casa, logo que vimos tudo limpo. Não deixaria, de maneira nenhuma, que Mamãe esperasse ali, nova enchente. Fui tão feliz que encontrei uma casinha alegre, na Avenida Amaro Cavalcante, n.º 139, bem em frente do Colégio Nacional. Aluguei-a imediatamente e, no dia seguinte, mudamo-nos.

68 — A esta altura, meu irmão José já estava conosco. Aparecera-me, morávamos ainda com o Juca, na Vila das Margaridas. Pensei, quando o vi bem disposto, bem vestido, endinheirado, que tivesse arranjado juízo. Enganei-me. Jamais tivera forças para abandonar o jôgo.

69 — Dei uma enorme alegria à Mamãe quando permiti que o José viesse morar com ela. Que reforma o Espiritismo fizera em mim!

70 — Com a família morando em frente ao Nacional, simplifiquei minha vida. Do Colégio via todos os movimentos da minha casa e podia ir lá todos os dias.

71 — Voltando ao internato, o Almirante melhorou minha situação financeira, pois dispensara o inspetor do mesmo. Consegui, meses depois, equilibrar minhas finanças.

72 — Pude, então, falar à Mamãe da necessidade de casar-me; José fazia as despesas de armazém, açougue, quitanda e padaria. O aluguel da casa era meu. As despesas de roupa eram divididas.

73 — Os dois concordaram comigo. Achavam, como eu, que um educador não devia ser solteiro. Eu, no entanto, quando lhes falei no assunto, não tinha

nenhuma moça em vista. Sempre preocupado com a idéia de só casar-me quando pudesse sustentar duas famílias, não me interessara, no Rio, ainda, por mulher alguma.

74 — Confiando na conversão do José, passei a observar as senhoritas que conhecia mais de perto. Minha primeira pretendente foi uma irmã do prof. Laranjeiras. Dona de ótima formação moral, pianista; correspondeu-me.

75 — Sua mãe, egoísta e injusta, julgou que eu lhe queria os bens, fingindo gostar da filha. Esta escreveu-me, falando dos sentimentos maternos.

76 — Respondi-lhe dizendo era meu propósito casar-me com separação de bens, coisa que falaria na ocasião do noivado. Diante, porém, das falsas acusações de sua mãe, não mais me interessaria o casamento com ela. Fí-la sofrer injustamente, pois não tinha culpa da insensatez de sua progenitora. Mas, o meu gênio arrebatado e o orgulho me ditaram aquela conduta; não queria que ninguém pensasse que a separação de bens fôsse exigência da família dela...

77 — Passei a interessar-me por Nilza, segunda filha do Almirante. Mais por admiração às virtudes da moça e gratidão aos pais, do que por afeição. Ela não me levou a sério, mas continuamos, sempre, bons amigos.

78 — Foi Carmen, filha da dona da casa da travessa Rio Grande do Norte, onde minha mãe morou, a terceira pretendente. Não afinamos bem os nossos sentimentos...

79 — Margarida, moça espanhola, foi a quarta preferida. Bonita, meiga e graciosa, era analfabeta. Tentei ensinar-lhe a ler. Nada consegui. Era muito rude e descuidada com sua roupa e seus objetos. Desanimei. Ciente de sua grande amizade por mim, não tinha coragem de falar-lhe do meu desânimo. Esperava uma oportunidade...

80 — Só depois, já em Parahyba do Sul, tive coragem de escrever-lhe, desmanchando tudo, alegando a tremenda diferença intelectual que havia entre nós.

81 — Custou-lhe a esquecer-me. Quando vim ao Rio, pela primeira vez, buscar os últimos livros meus que ficaram no Nacional, encontrei-a. Maguada e chorosa, profligou-me o proceder: «Porque não vira eu, antes, que era inculta?»

82 — Ouvi tôdas as suas queixas.

Nada lhe respondi, defendendo-me. Achei que tinha razão e pedi-lhe perdoasse-me... Recebi a devolução de todos os presentes modestos que lhe havia dado...

83 — Antes de ir para Parahyba do Sul, permaneci no Nacional, dando-lhe o melhor de meu entusiasmo e dedicação.

84 — Além da fiscalização forte nas aulas, na disciplina, na limpeza, em tudo enfim, fundei a «Liga Pró-Educação e Bondade», em que já tive ocasião de falar.

85 — Foi, repito, um dos grandes orgulhos de minha vida. Além do grande ataque aos vícios, a «Liga» organizava teatrinhos, bailes, convescotes, etc. Além dos alunos, interessavam-se por ela pais e professores. Quantas saudades de tudo isto!...

86 — Fiz-me professor de educação física, fazendo um curso de ginástica oficial. A ginástica beneficiou minha saúde e tornei-me um apaixonado dela.

87 — Um fato interessante foi minha ida com o prof. Werneck ao *Fluminense*, assistir uma partida de futebol. Muita gente. Superlotação. Achei o jôgo desinteressante. Na ocasião, porém, em que vi a bola atravessar o gol, fiquei espantadíssimo! Aquela gente tôda pulava, jogava chapéus; houve até quem jogasse paletó. Saí pensando: ou tôda esta gente tem juízo e eu sou louco; ou tôda esta gente é louca e eu o ajuizado. Nunca pude entender o interêsse pelo futebol, além de achá-lo violento e grosseiro. Nunca o permiti no Nacional e no meu Colégio.

88 — Continuava amigo da arte de declamar. Ensinava declamação e declamava. Minha poesia predileta era «*Fiel*», de Guerra Junqueiro. A espôsa do Almirante gostava de me ouvir declamando-a, e me pedia sempre, em tôdas as festas.

89 — Chegou, nesta ocasião, ao Rio, a família de Marília; Anísio, seu irmão, sabia de meu enderêço, pois Mãe lho dera quando se foi despedir dela, na Bahia.

90 — Vieram, também, para o Meyer Marília e sua irmã Zilá foram ao Nacional, matricular o Zoráguido, um dos irmãos.

91 — Dei o enderêço da casa onde estavam à Mãe que os visitou.

92 — Continuaram as visitas mútuas. Marília assistiu uma das festinhas da *Liga*, aplaudindo-me, muito, na declamação do *Fiel*.

93 — O Almirante, instado por mim, montou uma oficina gráfica, para impressão de todos os nossos papéis escolares. Ninguém sabia artes gráficas. Amigos nossos, inclusive o Lima, ensinavam-me e a alguns alunos de boa vontade, a confecção da papelada, nas nossas folgas noturnas.

94 — Resolvemos editar uma revista mundana: *Quinzenário*. Inspiração nossa, em *Vida Doméstica*. Reuniu a elite intelectual da zona. Sairam poucos números! Muito prejuízo e muitos aborrecimentos.

95 — O Espiritismo, repito, ainda não me tinha entrado, bem, a alma. Daí minha preocupação com revistas mundanas...

96 — Meu temperamento agitado não me deixava parar. Criei o *Grêmio Intelectual Carioca*, prolongamento da *Academia Carioca de Letras*. Reunimos elementos de valor, no campo da literatura e das artes. Fizemos várias reuniões agradáveis no Colégio mesmo. Escolhíamos, sempre, para as festas, o salão do dormitório dos internos, que era enorme.

97 — Temperamento caseiro, preferia, sempre, uma diversão íntima a passeios. Passava os domingos, em que não havia reunião no *Grêmio*, jogando *poker*, com os filhos e os sobrinhos do Almirante.

98 — Passamos, assim jogando, o domingo de carnaval de mil novecentos e vinte e quatro. Na segunda-feira, todos queriam ir para a Avenida e eu insistia com todos para que ficássemos jo-

gando. Disseram-me que eu não queria descer porque não tinha geito para folião. Resolvi, então, sair com eles e cair na folia. Brincamos muito e fui o animador do bando.

99 — Relatando êste episódio, estou a me lembrar de outro carnaval, o de mil novecentos e quatorze. Foram os dois únicos carnavais em que brinquei. Formei, em quatorze, um bloco singular «A Crise». Época da primeira guerra mundial. Muita fome. Muita miséria. Todos os rapazes do bloco, de mortalha preta, máscara de caveira, às costas as letras da palavra *crise*, em branco e maiúsculo; éramos cinco e íamos juntos. Fizemos um sucesso em Salvador.

100 — Certa noite, em companhia de Dagoberto Cruz, professor do Nacional, fui cear no *Portuense*, do Meyer. Dagoberto apresentou-me a um rapaz nortista, com roupas rasgadas, faminto e sapados furados. Ceiava conosco, enquanto nos contava sua aventura: metera-se numa revolução que fracassou, em Sergipe, seu estado natal, e fugira, trocando de nome. Levei-o para o meu quarto. Dei-lhe roupa e calçados. Notando sua cultura, fi-lo professor de História e Geografia, em duas séries que perderam o professor destas cadeiras. Agradou aos alunos e à família do Almirante. Com a barriga cheia, empregado e vestido, entrou a menosprezar-me, negando obediência às minhas ordens, sistematicamente. Depois de um sábado em que lhe chamei, enérgicamente, a atenção por tudo, estávamos jogando, na tarde do domingo, quando êle se aborreceu comigo, por questões do jôgo. Atirou-me as cartas, quase ao rosto, maltratando-me. Respondi-lhe à altura.



Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.\$ 180,00	Do 20.º ano Cr.\$ 150,00	Do 27.º ano Cr.\$ 150,00
Do 4.º ano . . 180,00	Do 21.º ano . . 150,00	Do 28.º ano . 150,00
Do 5.º ano . . 180,00	Do 22.º ano . . 150,00	Do 29.º ano . 150,00
Do 6.º ano . . 180,00	Do 23.º ano . . 150,00	Do 30.º ano . 150,00
Do 7.º ano . . 180,00	Do 24.º ano . . 150,00	Do 31.º ano . 150,00
Do 18.º ano . . 180,00	Do 25.º ano . . 150,00	Do 32.º ano . 150,00
Do 19.º ano . . 180,00	Do 26.º ano . . 150,00	Do 33.º ano . 150,00

Crônica Estrangeira

Homem «Morto» se materializa e abraça sua mulher

De «Two Worlds»

«Meu querido esposo se materializou, abraçou-me e me beijou.»

Assim afirma Vidie Carleton James, que descreve uma sessão Sul Africana com Alec Harris, natural de Cardiff. Também um espírito-guia se materializou para cumprir uma promessa feita antes. É uma famosa médium mostrou-se a sua filha.

Alec Harris, o famoso médium mundial está em Durban, com sua mulher. Também ali está Alice Barret, notável médium em sessões de vozes.

No monte chamado Berea mora o prof. Nelson Palmer. Médium que recentemente conduziu a polícia para junto de dois corpos, um suicida e outro o de uma jovem assassinada.

Jack Spear, admirável médium de vozes, mora nas proximidades.

Em Forma Sólida

Passei uma noite com os Levy que relatou interessante sessão em presença de Lilian Bailey, em Londres. Um espírito-Índio, Nuvem Branca, era exatamente uma voz, mas uma voz cheia de sabedoria.

Foi uma revelação vê-lo sólidamente materializado, sendo médium Alec Harris. Nuvem Branca era alto e sólido, seu turbante de penas era enorme, seu manto de um branco deslumbrante, cabelos bastos e pretos.

Ele falou ao casal Levy. Apertou suas mãos. Era maravilhoso ver a alegria de ambos ao estreito contacto com o amado espírito-guia. Também se materializou o Dr. Lung através do médium Harris.

Muitas figuras se materializaram quando eu estava presente. Alguns eram guias, outros seres amados dos assistentes. Quando alguém era chamado para a frente para falar com as formas espirituais, eram os assistentes que pareciam obscuros, não as figuras trajadas de branco deslumbrante.

Um espírito, que é bom e se interessa por mim, apareceu e chamou-me para junto de si. Ele era alto e sólido.

Seus braços que enlaçaram meus ombros eram fortes, a capa que pôs sobre mim era símbolo de sua proteção e cuidado. Eu o vi distintamente, era muito diferente de Alec Harris.

Em outra sessão meu querido esposo se materializou, segurou-me e me beijou. Porém eu estava tão chocada pela emoção de modo a não ter podido fixar a figura vívida, não obstante a minha convicção de nos termos encontrado mais uma vez em condições terrestres, completas e satisfatórias.

Em sessão com Alice Barret as vozes eram tão altas e claras como as conheci no decorrer dos anos em que tive o privilégio de assistir sessões com ela. O guia, Dr. Mekal, universalmente amado por todos que o encontraram, disse que apareceria à sessão Harris, a qual foram convidados os presentes.

Irônicamente lhe perguntei se viria coberto de musselina branca que é a aparência das vestes ectoplasmicas. Ele respondeu que viria com seu avental de cirurgia e na mão estaria o seu estetoscópio.

É certo, ele cumpriu a sua promessa e apareceu. E falou a seu médium, que estava sentado exatamente à minha frente. Ele também me falou, então lembrou-se do seu estetoscópio, e voltou ao gabinete para apanhá-lo!

A mãe da senhora Barret, Margaret Lloyd, também ela famosa médium de transe, apareceu, segurando uma luz espiritual entre seus dedos, e falou à sua filha.

Rostos vistos claramente

Materializou-se o irmão da snra. Jack Spears, falou-lhe e segurou suas mãos. Ela disse que não podia deixar de reconhecê-lo.

Aza Branca, o querido guia do círculo Harris, veio em seguida. Ele é alto e magnífico, com bastos cabelos pretos, por baixo do seu turbante de penas. Ele me chamou para falar-me e me bateu nas mãos. Claramente vi seu rosto — um nariz fino, aquilino e brilhantes olhos, completamente diferente de Alec Harris, tanto em altura como na feição.

Grandemente afortunados os que, como nós, podem visitar Durban e assistir a essas maravilhosas sessões.

Uma exposição do «Osservatore»

A Bíblia e a descoberta de Baccinello

Cidade do Vaticano, (Ansa), 27/8/1958

O «Osservatore» respondendo à pergunta de um leitor que, referindo-se ao esqueleto de milhões de anos encontrado em Baccinello, perguntou se não havia contradição quanto à origem do homem, entre a ciência moderna e a Bíblia, escreve entre outras coisas: «O cálculo feito pelos sábios, atribuindo milhões de anos para a idade do universo (ou a centenas de milhares de anos para o homem), não está mais em contradição com a Bíblia. Mesmo os velhos exegetas, que permaneceram fieis ao sentido quase material da Gênese, não mais ensinaram que o mundo, ou ao menos o homem, fôra criado somente a seis ou sete mil anos atrás. Eles sabiam que a cronologia bíblica da Gênese,

constituia uma questão quase insolúvel: os números hebraicos transcritos por copistas a copistas, tinham facilitado e sofrido correções e corrupções, por outro lado, os nomes dos patriarcas do Velho Testamento, antes e depois do dilúvio, não queriam indicar um determinado número de gerações, mas, somente indicar alguns personagens da história e da pré-história do povo hebreu».

Quanto à teoria evolucionista, o órgão precisa (determina): A Bíblia e a teologia católica exigem que se aceite que o espírito humano foi diretamente criado por Deus, que o corpo do primeiro homem foi formado por uma particular ação divina. Em suma, a aparição do primeiro casal humano foi objeto mais particular da Providência Divina e não abandonada ao simples desenvolvimento e evolução das forças da natureza. Poderia ser admitida a derivação do corpo do homem de um corpo animal superior.

Traduzido de «Fanfula»

ESPIRITISMO NO BRASIL

Dante Ferriolli

Este nosso representante, que percorre vários Estados do Brasil, a serviço de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», regressando de sua longa viagem pelo Sul do Paraná e de São Paulo, deu-nos o prazer de sua convivência por algumas horas, trazendo-nos notícias agradáveis do acolhimento fraterno que lhe foi dispensado em tôda a parte nessa última, e proveitosa excursão.

Dante Ferriolli, pediu-nos para renovarmos, por estas colunas, o seu agradecimento a todos que o distinguiram com sua acolhedora atenção, agradecimento sincero que também é nosso, com votos de fe-

licidade para os nossos confrades de todos os quadrantes.

Pouco se demorando entre nós, Dante Ferriolli, já seguiu para novas zonas, na Estrada de Ferro Paulista, devendo passar pelas cidades de Rio Claro, Araras, Leme, Piraçununga, Decalvado, Santa Rita do Passa Quatro, Limeira, Americana, S. Barbara d'Oeste, e daí seguirá para Marília e outras cidades da zona mariliense.

Lourenço Bianchi

Após 4 anos, de prolongada enfermidade, que o afastou de suas atividades, tivemos o prazer de receber a visita de Lourenço Bianchi, nosso prezado companheiro, antigo represen-

tante-de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo».

A visita se verificou a 15 de outubro, depois de haver, o nosso amigo, já restabelecido, retomado seu trabalho e percorrido, na linha de ferro araraquense, as cidades de Catanduva, Santa Adélia e Taquaritinga.

Em seguida viajou êle para Araraquara, Itápolis, Ibatinga, Borborema e Novo-Horizonte, devendo continuar a excursão para além de São José do Rio Preto até Presidente Vargas.

Nas localidades já percorridas, Lourenço Bianchi foi recebido carinhosamente pelos confrades e amigos, e estamos certos de que o mesmo acolhimento ser-lhe-á dispensado, em todos os meios espíritas,

que darão ao velho trabalhador o prêmio da sua dedicação à causa que nos é comum. Lourenço Bianchi, por nosso intermédio, agradece, de coração, a todos que o tem auxiliado na sua peregrinação, dando-lhe generosamente apoio e solidariedade, nesta continuação de seu trabalho.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião mensal ordinária, realizada em 4 de Outubro de 1958

À hora regimental, após proferir a prece inicial, o Presidente declara abertos os trabalhos, sendo logo lida e aprovada a ATA da reunião anterior. Depois de comentários sobre a passagem da data comemorativa do nascimento de Allan Kardec, comunica o Presidente ter o ilustre confrade Dr. Porto Carreiro Neto enviado saudações pela efeméride citada. Do expediente consta a remessa, pela União Espírita Mineira, das conclusões finais do III Congresso Espírita Mineiro.

Santa Catarina — O Conselheiro Manoel Bernardino dá notícias das atividades da Federação Catarinense e apresenta ao Conselho carta que lhe foi enviada de Jaraguá do Sul, pedindo orientação para a legalização de uma sociedade espírita naquela cidade. Resolve o Presidente seja encaminhada a dita carta à Secretaria da Federação Espírita, para ser respondida.

Distrito Federal — O Conselheiro Aurino Souto comunica a realização, às dezesseis horas, na sede da Liga, de uma comemoração da data natal do ínclito mestre Allan Kardec.

São Paulo — Comunica o Conselheiro Carlos Jordão que representou o Conselho e a Federação na Concentração das Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba.

Pará — O Conselheiro Ramiro Gama faz ligeiro histórico das atividades da União Espírita Paraense, salientando o movimento nos setores doutrinário e assistencial e os trabalhos do LAR de MARJA e da Mocidade Espírita.

Maranhão — O Conselheiro Clóvis Ramos noticia o êxito do trabalho de evangelização nos lares e a intensa atividade da Federação Maranhense no setor doutrinário.

Paraíba — O representante, Conselheiro Indalácio Mendes, informa que a Federação Paraibana organizou homenagens especiais para comemorar a passagem da data de nascimento do Codificador.

Ceará — O Conselheiro Henrique

Magalhães comunica que a União Espírita Cearense encerrou com êxito o primeiro Curso de Escolas do Evangelho.

Às dezesseis horas, com a prece final pelo representante da Bahia, encerra o Presidente a reunião.

Festa da Criança

Domingo, dia 12 de Outubro, o Grêmio Infantil «Martha Cunha», de Matão, levou a efeito delicada festinha em homenagem à criança na sede do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» e no Lar Infantil «Cairbar Schutel».

Às 20 horas, desse dia, teve início a parte artística a cargo dos componentes do Grêmio e às 20 horas e 30, a «Palestra doutrinária para as crianças de 1 a 80 anos», a cargo do querido Alexandre Barbosa, de Araraquara.

Nessas festividades tomaram parte muitas crianças, sendo as mesmas assistidas por numerosa platéia. No Lar Infantil, Alexandre Barbosa falou especialmente para as crianças, às quais foi servida variada mesa de doces.

Conferência Pública

Segundo nos comunicaram da Capital, o 3 de Outubro foi comemorado na Federação Espírita do Estado, à rua Maria Paula, com uma substanciosa conferência de J. Herculano Pires, em homenagem a Allan Kardec, pelo 144.º aniversário de seu nascimento.

Livraria Espírita

Com a denominação de Livraria Espírita Emmanuel, acaba de ser fundada na Capital de São Paulo, à rua Quintino Bocaiuva, 161, — 4.º andar — uma Livraria Especializada em livros e publicações espíritas, sob a direção de Vicente S. Neto, nosso ativo agente correspondente na Capital.

Os assinantes de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», e demais interessados poderão procurar no endereço acima o nosso citado representante para tratar de qualquer assunto referente às nossas publicações.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.^a edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : cr.\$ 25.00.

O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.^a edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de mosenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.\$ 25,00.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.^a edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr\$. 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

“Gênesis da Alma”

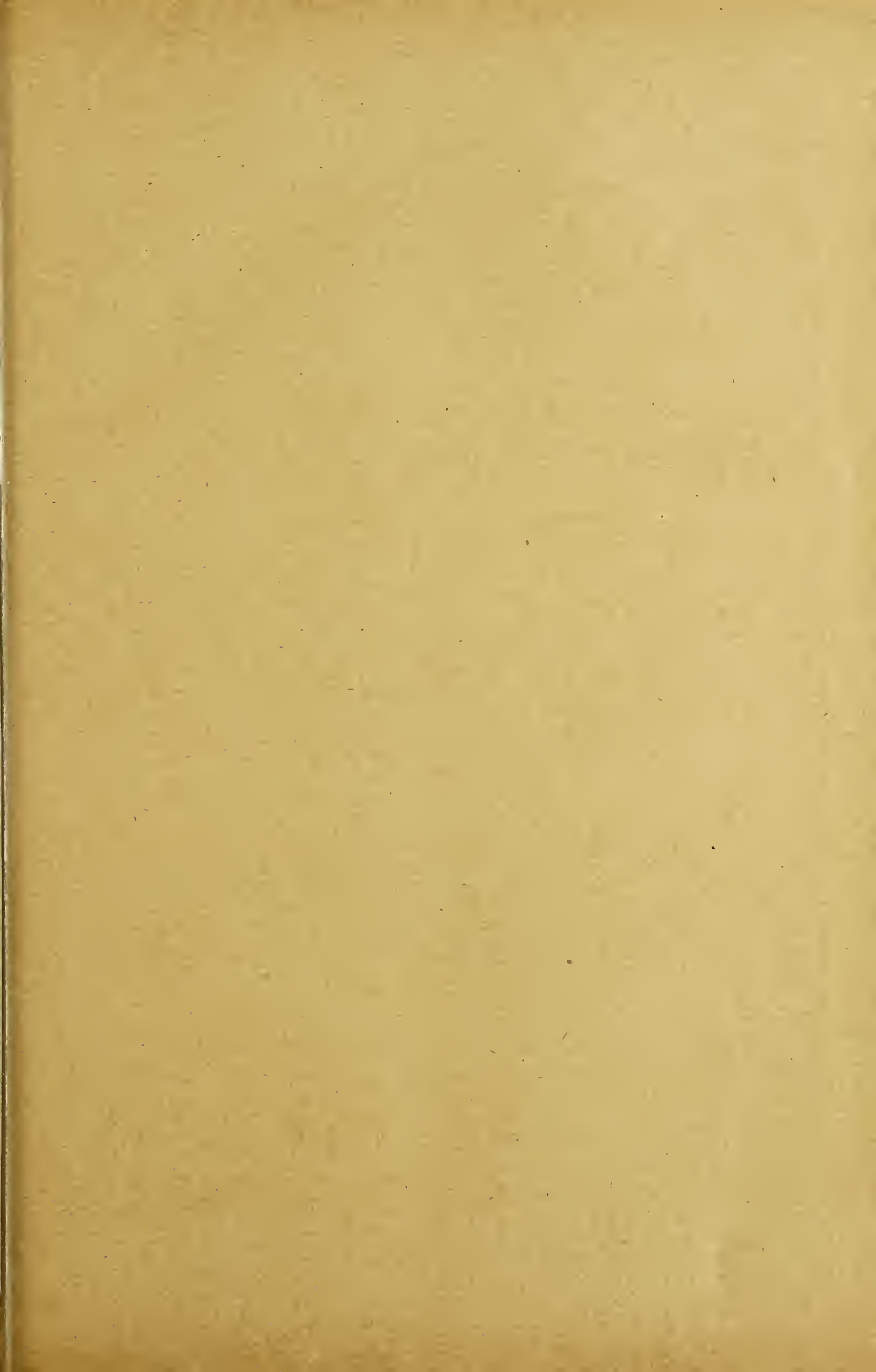
Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.^a edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. \$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo

Redator: Italo Ferreira

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	„ „	75,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

